

PROTAGONISMO FEMININO NA POLÍTICA EUROPEIA: estudo de caso Mary Stuart

Nathalie Santana Fernandes

Universidade Salvador - UNIFACS, Salvador/BH, Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-7034-9257>

nathaliesfernandes@gmail.com

RESUMO

A pesquisa a seguir analisa a mulher como chefe de Estado através do governo da rainha da Escócia Mary Stuart no século XVI, trazendo uma comparação com a atualidade e respondendo o questionamento, se ao longo do tempo, houve mudanças na percepção da mulher como líder política internacional. Fundamentada nas estudias das questões de gênero dentro das Relações Internacionais e no embasamento teórico sobre a história de Mary foi possível examinar os enfrentamentos e interferências na oposição ao seu reinado pelo fato de ser mulher baseados nos princípios da época justificados pela conduta religiosa e, pesquisar como o gênero ainda é uma área de estudo pouco explorada e como o protagonismo feminino é compreendido no âmbito internacional, na disciplina e na sociedade como um todo. Resultando em uma abordagem teórica que pontua a evolução social e acadêmica para questões feministas e o que ainda precisa ser alcançado para o desenvolvimento igualitário.

PALAVRAS-CHAVE: Escócia; Maria Stuart; Mulheres na política; Mulheres; Participação de mulheres; Política internacional; Relações Internacionais.

| 64

FEMALE PROTAGONISM IN EUROPEAN POLITICS: a case study of Mary Stuart

ABSTRACT

The following research analyses women as Heads of State through the government of Mary Stuart, Queen of Scots during the sixteenth century, bringing a comparison with the present, and answering the question whether over time there have been changes in the perception of women as international political leaders. Based on the studies of gender issues within International Relations and on the theoretical basis of Mary's story, it was possible to examine the confrontations and interferences in opposition to her reign on the grounds that she was a woman, emanating from the principles of an era justified by religious conduct. The research considers how gender is still an unexplored area of study and how female leadership is understood in the international sphere, discipline and society as a whole, resulting in a theoretical approach that punctuates social and academic evolution to feminist topics, and considers what still needs to be achieved for egalitarian development.

KEYWORDS: International policy; International relations; Mary Stuart; Participation of women; Scotland; Women; Women in politics.

PROTAGONISMO FEMENINO EN LA POLÍTICA EUROPEA: estudio de caso de Mary Stuart

RESUMEN

La siguiente investigación analiza a la mujer como jefa de Estado durante el gobierno de la Reina de Escocia María Estuardo en el siglo XVI, trayendo una comparación con la actualidad y respondiendo a la pregunta, si con el tiempo hubo cambios en la percepción de la mujer como líderes políticos internacionales. Con base en estudios de la temática de género dentro de las Relaciones Internacionales y sobre la base teórica de la historia de María, fue posible examinar los enfrentamientos e injerencias en la oposición a su reinado por el hecho de ser mujer en base a los principios de la época justificados por la conducta religiosa e, investigando cómo el género es aún un área de estudio poco explorada y cómo se entiende el protagonismo femenino a nivel internacional, en la disciplina y en la sociedad en su conjunto. Dando como resultado un abordaje teórico que señala la evolución social y académica hacia los temas feministas y lo que aún falta por lograr para un desarrollo igualitario.

PALABRAS CLAVE: Escocia; Mary Stuart; Mujer en política; Mujer; Participación de la mujer; Política internacional; Relaciones internacionales.

Artigo submetido ao sistema de similaridade

Submetido em: 15/06/2022 – Aprovado em: 25/02/2023 – Publicado em: 31/03/2023

Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional.

1 INTRODUÇÃO

Com a justificativa do “sexo frágil” a mulher foi subjugada e inferiorizada desde a fundação da sociedade, com os passar dos séculos pouco foi mudado e mulheres não ocupavam cargos de liderança na política. Rainhas eram apenas consortes e seu papel era manter a linha de sucessão, além de ter seus feitos atribuídos aos maridos e seu poder limitado, raras eram as exceções, como a rainha espanhola Isabel I de Castela, monarca que foi bem-sucedida e determinada, considerada a primeira grande rainha da Europa ela chocou muitos com sua falta de demonstração de comportamentos femininos tradicionais, foi-lhe atribuídas determinadas qualidades masculinas. Sua personalidade forte e posicionamento foram de encontro aos princípios da época, ela se manteve como a rainha absoluta em Castela e Leão e, seu marido Fernando de Aragão seu consorte, eles governaram juntos o que fortaleceu sua imagem, mas em Castela, a última palavra era sempre de Isabel.

No século XVI Mary Stuart, rainha da Escócia, lutava diariamente contra o machismo extremamente opressor pelo seu direito ao trono, seu reinado foi subjugado e atacado constantemente porque de acordo com a igreja e costumes, nenhuma mulher deveria governar sem um marido e não ter mais poder do que ele. Sua mãe, Marie de Guise, enquanto sua regente em uma Escócia extremamente conservadora, resistiu a inúmeras acusações e ameaças, impondo a sua presença enquanto soberana.

Com uma personalidade forte e poderosa de uma monarca a altura e legitimidade inquestionável Mary era uma ameaça, sua história foi marcada pela interferência e alta pressão de homens que não aceitavam sua soberania e fizeram de tudo para destruí-la. O protagonismo feminino na política internacional ainda tem um longo caminho para ser passível de comparação ao papel masculino, neste trabalho sua trajetória foi utilizada como base e peça fundamental em um estudo de caso para demonstrar como ser uma mulher em um cargo de soberania internacional era visto no século XVI, os enfrentamentos que foram consequência do seu gênero e investigar o problema de pesquisa: Em uma comparação entre os séculos XVI e XXI, houve avanços na real percepção da mulher como líder política internacional?

Essa analogia desperta o interesse pela importância de ter mulheres representantes em cargos de liderança internacional e, como Mendonça (2015, p. 23) expôs utilizando as palavras de Cynthia Enloe (2005, p. 102): “Se não nos interessarmos seriamente pelas condições de vida das mulheres, estamos susceptíveis a analisar a dinâmica internacional de poder na melhor das hipóteses, incompleta, e na pior das hipóteses, com defeito”. Ao pontuar os desafios enfrentados por Mary percebe-se que atualmente quase todos ainda fazem parte do cotidiano e que a quantidade de mulheres ocupando essas posições de destaque não é encorajadora. Dentro das relações internacionais a escola feminista tem avançado com as teorias feministas e estas foram utilizadas para destacar como chegaram de forma tardia dentro da disciplina.

O objetivo geral deste artigo é investigar se houve avanços na percepção da mulher como líder política internacional ao comparar o século XVI com o século XXI. E os objetivos específicos são: Descrever a trajetória de Mary Stuart, analisando sua história e seu governo; contextualizar a geopolítica europeia do século XVI; analisar a mulher na política internacional e comparar o protagonismo feminino entre os séculos XVI e XXI.

Foi utilizada a metodologia básica, para acrescentar no campo dos estudos de gênero das relações internacionais; descritiva, baseada em livros que abordam Mary Stuart como seu objeto de estudo e conhecimento pessoal adquirido através de pesquisas, visitas a locais históricos frequentados por Mary e exposições, e, o método utilizado para a abordagem da pesquisa foi o qualitativo. O artigo foi dividido em dois capítulos, o primeiro detalha cronologicamente a vida de Mary Stuart trazendo análises de seu governo e da retratação da mulher, relacionando com a atualidade, foi nomeado em homenagem ao seu lema que significa, o fim da minha vida mortal é o início da minha vida eterna. E no segundo, foi feita uma comparação mais aprofundada e específica dos dois séculos e como a mulher é vista atualmente nos cargos de chefe de Estado.

1.1 "In my end is my beginning"

No dia 8 de dezembro de 1542, Mary Stuart, rainha da Escócia, nasceu no palácio de *Linlithgow* alguns dias depois, foi batizada na igreja do palácio. Filha do rei James V da Escócia e de sua segunda esposa, a nobre francesa Marie de Guise.

Mary nasceu em um período conturbado, a Escócia estava em guerra com a Inglaterra e a esperança de James após perder seus dois filhos ainda crianças na primavera de 1541, era um herdeiro para fortalecer o trono, e porque a Escócia precisava ser governada pelas mãos fortes de um homem, ao saber que uma menina havia nascido, ele lamentou, "não pode ser, porque uma menina?" e "veio de uma mulher e vai terminar em uma mulher¹" (WEIR, 2008, p. 7, tradução nossa). Por volta da meia noite do dia 14 de dezembro do mesmo ano, James faleceu na batalha de *Solway Moss*, sua sucessora, era uma bebê de apenas uma semana de vida, com saúde frágil e que muitos pensaram que não sobreviveria.

Os ingleses tentavam sequestrar Mary e a fazer de refém desde bebê. Em julho de 1543, após meses de negociação intensa, foi assinado o Tratado de *Greenwich* que consistia no casamento entre Mary e Edward VI, filho do rei inglês Henry VIII e Jane Seymour, a união deles selaria a paz entre os países vizinhos sob a dinastia *Tudor*. Foi acordado que Mary permaneceria na Escócia até os dez anos de idade e então iria para a Inglaterra. Marie de Guise ficou indignada em não ter sido consultada sobre o futuro da filha, ela liderava a causa pró-católica e pró-francesa juntamente com o Cardeal David Beaton, eles foram contra o Tratado.

Aos nove meses de idade, Mary foi coroada oficialmente rainha da Escócia no castelo de *Stirling* no dia 9 de setembro de 1543. Em dezembro do mesmo ano, o parlamento escocês renunciou o acordo com a Inglaterra e se aliou novamente com a França, após o parlamento de *Westminster* não ratificar o Tratado de *Greenwich* e se recusar a devolver os navios escoceses que mantinha sob custódia.

¹ A dinastia Stuart descende de Marjorie Bruce, 1296 ou 1298, filha do rei Robert de Bruce.

Alguns pretendentes foram considerados para Mary, visando a melhor negociação que estivesse à altura da soberana e beneficiasse o país. Quando souberam do nascimento de Francis II, filho do rei Henry II da França e Catherine de Medici, os escoceses viram uma alternativa viável ao príncipe Edward VI.

Como o Tratado acabou não acontecendo, em resposta, Henry VIII ordenou uma invasão na Escócia e o que ficou conhecido como “*Rough Wooing*”². Foram uma série de ações violentas e tentativas de ameaçar e oprimir os escoceses para que estes entregassem Mary à realeza inglesa, permitindo assim, a Inglaterra de reivindicar soberania sobre a Escócia. Com a polarização da Escócia, e o *Rough Wooing*, Marie de Guise viu uma oportunidade de fortalecer a causa pró-francesa. Pouco a pouco ela emergiu como uma figura extremamente estável e os nobres do conselho em junho de 1544 decidiram que ela deveria participar da administração, ela agora tinha um papel importante dentro do conselho privado do reino.

Opostamente ao desejo da Inglaterra, ao invés dos escoceses entregarem Mary e o país, com as barbaridades inglesas, eles se aproximaram ainda mais da França.

Como a Inglaterra e a Escócia permaneciam em conflito após o fracasso do Tratado de *Greenwich*, Mary e Marie de Guise tinham que constantemente se mudar a fim de evitar uma possível captura, garantindo a segurança de Mary e o futuro da Escócia.

Em 7 de julho de 1548, foi acordado formalmente com o Tratado de *Haddington*, que Mary seria a noiva do Delfim Francis II e, a França apoiaria a Escócia contra a Inglaterra. Com a assinatura do Tratado, Mary foi colocada em um risco ainda maior de ser levada prisioneira pelos ingleses. Então, por sugestão do rei Henry II, Mary deveria ir para a França o mais rápido possível, ela estaria mais segura longe da Escócia naquele momento, assim, Henry II, enviou uma frota de altíssima segurança de uso pessoal para levar Mary, ela partiu em 7 de agosto do mesmo ano para uma longa e difícil jornada, acompanhada de suas damas de companhia, com uma despedida emocionante de sua mãe que ficou na Escócia para conservar os interesses da filha como soberana e preservar seu reino católico.

A chegada de Mary na França, não poderia ter sido melhor. É descrito por Mackay (1999, p. 34) que Henry II ao conhecê-la em 9 de novembro de 1548 ficou encantado “A criança mais perfeita que eu já vi”³. Mary demonstrava características de liderança desde pequena. Os parentes de Mary por parte de mãe, os Guise faziam parte da vida dela e seus tios, Francis, Duque de Guise e Charles, Cardinal de Lorraine, eram o braço direito de Marie para cuidar e observar sua filha na França.

Apesar de ser a rainha coroada da Escócia, Mary não era ensinada habilidades políticas ou diplomáticas. Sua educação foi mais polida e artística do

² Cortejo violento (Tradução nossa).

³ The most perfect child I have ever seen (Tradução nossa).

que acadêmica, como era considerado apropriado para a futura rainha consorte da França, uma vez que esse era o papel que Mary agora estava sendo preparada. Foi tomado muito cuidado com o ensino religioso de Mary, para instaurar os valores católicos nela desde muito pequena.

A guerra entre a Escócia e a Inglaterra continuou durante os anos que Mary esteve na França. Em março de 1550, a paz entre a Inglaterra e a França foi negociada com o Tratado de *Boulogne* e, em junho de 1551 finalmente se estabeleceu a paz entre a Escócia e a Inglaterra. Marie de Guise visitou a França no final de setembro de 1550, após a assinatura do Tratado, para pedir mais apoio francês para reprimir o progresso da Reforma Protestante na Escócia e para apoiar sua reivindicação para assumir a regência. Ela estava determinada a consolidar a influência francesa na Escócia.

Mackay (1999) expõe que, por incentivo de Henry II, o parlamento de Paris decretou que, seguindo as tradições francesas, a maioria de Mary seria considerada no começo de seus doze anos e não ao final, por ela ter nascido em dezembro, e que a Escócia deveria ser governada em seu nome por alguém escolhido pelo rei da França que era o guardião de Mary. Isso era uma grave violação da soberania escocesa, o regente escocês, o Conde de Arran⁴ foi persuadido a reconhecer esse acordo, ele assim o fez, apesar de relutante, com suborno financeiro e a promessa de casamento com uma princesa francesa para seu filho. Quando Marie de Guise soube, ela agiu e Henry II se juntou a ela para tramar a renúncia de Arran, eles até fabricaram provas, Marie orquestrou tudo de uma forma tão perfeita e habilidosa que, mesmo sendo uma interferência injustificável nos assuntos domésticos da Escócia, Arran não teve saída. Como Mary foi considerada maior de idade, ela agora tinha o poder de escolher o regente da Escócia, por recomendação dos seus conselheiros, ela nomeou sua mãe.

Observa-se aqui, a primeira grande manipulação no governo de Mary. Por instigação de Henry II, que viu uma oportunidade de continuar sua influência e controle na Escócia, Marie de Guise finalmente conseguiu ser nomeada regente de uma forma irrefutável, pela própria Mary. Seu objetivo de instaurar cada vez mais a atuação da França na Escócia e fortalecer a aliança pró-francesa e católica contra a revolta protestante apoiada pela Inglaterra casou perfeitamente com os de Henry II para se aproveitar do poder de Mary, instaurando alguém de sua confiança no trono escocês.

John Knox, um dos homens mais influentes da Escócia, era sacerdote e pregava veementemente o protestantismo no país. Sua mentalidade era extremamente machista e ele disseminava isso, anos mais tarde ele se torna o nêmesis de Mary. Quando Marie assumiu o papel de regente da Escócia, ele disse que colocar uma coroa em sua cabeça era como colocar uma sela em uma vaca rebelde. Também criticava abertamente Mary Tudor, rainha da Inglaterra e fazia questão de espalhar seu ponto de vista. Em sua filosofia, as mulheres não

⁴ James Hamilton, Conde de Arran era primo de Mary e o próximo na linha de sucessão. Ele assumiu a regência até Mary atingir a maioridade com doze anos.

governavam, ele era contra o 'monstruoso regime das mulheres', como chamava e afirmava que uma mulher manter domínio sobre um homem, era contra as leis naturais e divinas, usando a religião para justificar sua apatia. Doran (2021, p. 36) faz uma síntese do pensamento de Knox:

"...Baseado no fato de que o governo feminino desobedecia à lei de Deus, uma vez que a subserviência das mulheres aos homens foi ordenada em Gênesis e confirmada pelo apóstolo Paulo. Além disso, em Deuteronômio 17:15, Knox explicou, Deus havia estabelecido que os reis deveriam ser homens 'escolhidos teus irmãos'. Escritores antigos, continuou Knox, concordaram. Aristóteles, por exemplo, ensinava que a natureza das mulheres as torna inadequadas para a liderança, pois eram fracas, tolas, impacientes, inconstantes, cruéis e 'frenéticas'. O governo feminino, portanto, era a 'subversão da boa ordem, de toda equidade e justiça'" (Tradução nossa).

Muitos historiadores adotaram uma atitude sexista ao falar sobre a regência de Marie de Guise por influência de Knox. Porém, para James Mackay (1999, p. 43): "Somente alguém tão impiedoso, inteligente, tortuoso e extremamente habilidoso em diplomacia como Marie poderia ter vencido o arranjo e servido aos escoceses em seu próprio jogo."⁵

Como regente, Marie de Guise nomeou franceses para os cargos administrativos mais importantes de seu governo, o que não agradava os escoceses. Ela desejava a qualquer custo continuar os conflitos com a Inglaterra para fortalecer ainda mais as relações com a França, nessa tangente, ela tomou algumas decisões equivocadas que impactaram no futuro da Escócia e consequentemente no posterior reinado de Mary, a colocando em uma situação extremamente complicada. Como Mary Tudor, que ficou conhecida como "bloody Mary"⁶ tentava a custos altíssimos restaurar o catolicismo em uma Inglaterra cada vez mais tomada pelo protestantismo, Marie de Guise se aliou aos protestantes ingleses contra Mary Tudor para ganhar apoio dos protestantes escoceses, seu maior erro foi permitir que os refugiados protestantes retornassem para a Escócia.

A família Guise, vendo toda a instabilidade da política europeia, começou a pressionar Henry II para que o casamento entre Mary e Francis II acontecesse, e não pararam até que fosse acordado. No dia 30 de outubro de 1557, Henry II convidou formalmente os escoceses a enviar uma delegação para ir à França negociar os termos do casamento. Primeiramente, foi exigido a Henry garantias de que a Escócia continuaria independente. Ao chegarem na França em março de 1558, a delegação escocesa se surpreendeu com o rei que, foi muito compreensivo e aceitou todos os seus termos na negociação, na qual foi acordada que Francis II após o casamento receberia o título de rei da Escócia e que em sua ascensão ao trono francês, os dois reinos se uniriam em uma só

⁵ Only someone as ruthless, clever, devious and extremely skilled in diplomacy as Mary could have beaten the scheming and self-serving Scottish nobles at their own game (Tradução nossa).

⁶ Mary, a sanguinária (Tradução nossa).

coroa; Se Francis II morresse, Mary poderia escolher ficar na França ou retornar a Escócia; Em caso de herdeiros, o filho mais velho herdaria ambas as coroas e, em caso de só haver herdeiras, a mais velha herdaria o trono escocês. Vale ressaltar que na França, as mulheres eram impedidas de assumir o trono, salvo em caso de regência. Apenas uma exigência de Henry II não foi concedida, de que a coroa escocesa fosse enviada para a França para que Francis II fosse coroado. A delegação se recusou a deixar a coroa sair do país, mas ofereceu a coroa matrimonial que claramente só seria de Francis II enquanto ele e Mary estivessem casados.

Henry II agiu furtivamente e já havia feito Mary assinar secretamente três protocolos antes dela assinar o contrato matrimonial público, que foram relatados por Mackay (1999). O primeiro, dizia que caso ela morresse sem filhos, seus direitos, sua reivindicação do trono inglês e a Escócia, seu reino, passaria a ser de Henry II. O segundo, alegava que a Escócia seria especificamente hipotecada a Henry II e seus sucessores até que a França fosse totalmente reembolsada pelo dinheiro gasto com a defesa da Escócia contra a Inglaterra de 1547 a 1550. E no terceiro, Mary renunciava qualquer acordo que a delegação escocesa pudesse induzi-la a consentir se interferiria ou não nas premissas desses protocolos que não poderiam ser derrubados pelo parlamento escocês. Todos os três documentos eram ilegais sob a lei escocesa.

Ainda muito jovem e ingênua, com apenas quinze anos, Mary foi coagida e persuadida a assinar esses acordos. Ela teria recebido muitos conselhos dos seus tios Charles e Francis II e muito possivelmente de sua própria mãe, para os três, o casamento de Mary com Francis II seria extremamente vantajoso, além de não acharem que entregar a Escócia era um problema, considerando o país como um apêndice da França. Mary havia passado a maior parte da sua vida na França, a Escócia era somente uma memória distante e com seu casamento em vista trazendo vantagens a ela e a seu reino ela acreditava que seu futuro era continuar vivendo na França, e que não morreria sem herdeiros.

Esses documentos apontam claramente que Henry II, Marie de Guise e a família Guise estavam conspirando ativamente contra a independência da Escócia. Novamente, Henry II ambiciosamente achou uma maneira de conseguir aumentar seu poder e seguir com seu objetivo de dominar a maior parte da Europa que conseguisse.

Como a delegação escocesa não estava ciente desses documentos, as preparações para o casamento se seguiram. No dia 24 de abril de 1558, o suntuoso casamento que havia sido acordado uma década antes não passou despercebido. Foi um evento grandioso, com multidões tentando assistir, a cerimônia foi feita na Catedral de Notre-Dame em Paris. A união dos dois foi um símbolo que definia a diplomacia francesa.

A vida de Mary não tinha mudado muito com o casamento, até o dia 17 de novembro quando Mary Tudor morreu. Ao saber do ocorrido, Henry II imprudentemente obrigou Mary a ser proclamada publicamente em Paris, como rainha da Escócia, Inglaterra e Irlanda, se configurando em sua reivindicação ao

trono inglês. O emblema inglês foi incorporado ao brasão do casal. Mary não teve escolha e não estava em posição de fazer nada. Sua reivindicação foi amplamente reconhecida na Europa e pelos devotos católicos conservadores da Inglaterra que consideravam Elizabeth I como ilegítima uma vez que não reconheciam o divórcio de Henry VIII de Catarina de Aragão e muito menos seu casamento com Ana Bolena, mãe de Elizabeth I.

As consequências dessa ação de Henry II para com Mary a perseguiram pelo resto da vida e interferiu em seu futuro e em seu reinado. Fazendo uma análise, a soberania de Henry II e Mary deveria ser a mesma, cada um era o soberano de seu respectivo país, como rainha em seu próprio direito desde o sexto dia de sua vida, por ser mulher, ela era obrigada a lidar com as manipulações de Henry e seus intermédios no seu país, na sua vida e no seu futuro. Deixando de lado as negociações do Tratado de *Haddington*, que estabeleceu seu noivado com Francis II e sua ida para a França, esta era a terceira vez que Henry II usava Mary e intercedia em seu nome e soberania, por sua sede de poder.

Explicando o papel de Mary no contexto de sua reivindicação, o pai de Mary, James V, era filho do rei James IV da Escócia e Margaret Tudor, irmã do rei da Inglaterra Henry VIII. Como Henry VIII rompeu com a igreja católica após a recusa de seu divórcio de Catarina de Aragão, a justificativa era que ela falhou em lhe dar um filho como punição de Deus por ele ter se casado com a viúva de seu irmão mais velho, ele adotou o protestantismo, e se casou novamente, com Ana Bolena, a filha de um nobre por quem havia se apaixonado, eles tiveram Elizabeth I e não o herdeiro que Henry VIII tanto almejava, em resumo, Ana Bolena foi decapitada por adultério com seu próprio irmão e, Henry VIII estava novamente livre para se casar e tentar ter seu herdeiro, ao total ele teve seis esposas e o seu tão sonhado herdeiro, Edward VI, faleceu com quinze anos. A única herdeira viva de Henry VIII era Elizabeth I, e além de ser bastarda, sua mãe era adúltera e ela era protestante, então sua posição como rainha da Inglaterra era fortemente ameaçada por Mary. Neta de Margaret, sua legitimidade era inquestionável e Henry II sabia disso e foi um, senão o principal motivo para o noivado de Mary com seu filho, Francis II. Ele havia percebido antes de assinar o Tratado de *Haddington* que "a união deles traria mais benefícios para a França do que para a Escócia, pois finalmente colocaria a Escócia sob o domínio francês, uma vez que uma esposa, mesmo uma rainha coroada era sempre subordinada ao seu marido." (WEIR, 2008, p. 10, tradução nossa). Além das vantagens políticas e econômicas, ele desejava a Inglaterra, e Mary, era seu peão para alcançar seu objetivo. Somente com o casamento, Francis II já assumiria o papel de rei, mas, com os documentos ilegais que ele forçou Mary a assinar, tudo seria dele caso algo acontecesse com ela.

A Espanha e a França vinham tendo conflitos há um tempo e estavam em guerra. Após a morte de Mary Tudor, Philip II da Espanha, que era seu marido, queria se casar com Elizabeth I, sua cunhada, e continuar no trono inglês. Depois de negociações diplomáticas intensas nos meses seguintes entre Espanha,

França e Inglaterra, no dia 2 de abril de 1559, foi ratificado o Tratado de Cateau-Cambrésis, estabelecendo a paz entre a Espanha e a França. Esse Tratado foi um marco importante nas relações diplomáticas da Europa Ocidental. O ponto fundamental do Tratado, foi o casamento de Philip II com a princesa Elisabeth de Valois da França, filha de Henry II e Catherine de Medici, já que ele teve seu pedido de casamento negado por Elizabeth I.

As celebrações do casamento foram grandiosas, e incluíram um torneio, no dia 30 de junho do mesmo ano, o fatídico evento que mudaria o rumo da França. Henry II foi gravemente ferido durante o torneio e apesar dos esforços médicos, ele não resistiu e morreu aos quarenta anos, no dia 10 de julho.

Com a morte de Henry II, Francis II foi declarado rei e Mary, sem hesitar assumiu o papel que ela se preparou por uma década para ocupar, de repente, aos dezessete anos, Mary era rainha consorte da França. E começou a tomar providências em nome de Catherine que estava de luto e Francis II, que não tinha a mesma aptidão para lidar com as pessoas. No dia 18 de setembro de 1559, Francis II foi coroado na Catedral de *Rheims* e Mary, como já era soberana da Escócia, foi somente uma espectadora e não foi coroada rainha consorte da França.

Apesar do novo rei, o poder agora estava nas mãos dos tios de Mary, o Duque de Guise e o Cardeal de Lorraine. Com isso, uma disputa pelo poder e supremacia política começou, Catherine não aceitava que os Guise controlassem seu filho e o país, porém, Mary confiava nas boas intenções dos tios que como sempre a persuadiam desde sua chegada a França, e Francis II, como sempre muito devoto a Mary desde criança, não se opôs. Sempre descrito por historiadores e Coventry e Miller (2017) como um jovem doente, taciturno e apático, o Delfim não tinha o menor interesse ou mesmo destreza para política e não se achava preparado para suas responsabilidades reais, ao invés de assumir o seu papel de rei, ele preferia passar todo o seu tempo caçando. Os Guise tentaram persuadi-lo a assumir seus deveres, mas ele recusou e delegou todos os seus poderes a eles. Catherine, que passou a odiar Mary e culpá-la pelos Guise terem usurpado os poderes do filho, passou a se dedicar a seu outro filho, Charles IX que ela seria capaz de controlar sem a interferência dos Guise, caso ele assumisse o trono se Mary e Francis II não tivessem filhos.

Enquanto isso, na Escócia, Marie de Guise enfrentava dificuldades para conter o avanço do protestantismo. Em 27 de fevereiro de 1560, Elizabeth I assinou o Tratado de *Berwick*, que assegurava uma aliança militar contra a França e financiava os Lordes protestante que se intitulavam Lordes da Congregação de Jesus Cristo, uma rebelião pública contra Marie de Guise e as forças francesas. Cercos foram feitos e as tentativas de tirá-la do poder ficaram cada vez mais intensas, Bryson (2022) revela documentos que Marie enviou com apelos urgentes para seus irmãos na França para pedir mais apoio militar, mas, nenhuma ajuda chegou. Marie, que já estava muito doente, continuou a lutar pela regência e pelo catolicismo na Escócia, até que faleceu no dia 11 de junho no castelo de Edimburgo. A morte da mãe afetou Mary profundamente, mas a

gravidade da situação na Escócia não lhe deixou muito tempo para sofrer.

Os irmãos Guise vinham negociando em desvantagem o Tratado de Edimburgo com a Inglaterra e a Congregação, para libertar os franceses na Escócia. Em 6 de julho o Tratado foi concluído e foi acordado que tanto as tropas inglesas, quanto as francesas se retirariam da Escócia imediatamente. Além disso, Mary e Francis II desistiriam da reivindicação ao trono inglês, removeriam o emblema de seu brasão e reconheceriam Elizabeth I como a rainha legítima. O Tratado foi negociado sem o consentimento de Mary e os termos em nada a beneficiavam. Após um mês, os Lordes da Congregação, que eram liderados por James Stewart, o meio irmão ilegítimo de Mary, fortaleceram sua posição ao incitar aos Estados uma série de atos para introduzir a Confissão da Fé, o parlamento escocês aceitou e assim, a autoridade papal foi abolida e os costumes católicos, incluindo as missas e o confessionário foram proibidos e se tornaram ilegais. "Essa legislação era inquestionavelmente ilegal já que Mary tinha se recusado a ratificar o Tratado, mas sua criação foi justificada como tendo sido em resposta a exigência popular" (WEIR, 2008, p. 20, tradução nossa).

Mary, emergiu de seu luto uma adulta completa, preparada para as responsabilidades de uma rainha de duas nações. Apesar de ser a rainha da Escócia, ela era católica e agora a Escócia era efetivamente uma República protestante governada por uma oligarquia poderosa de homens da nobreza sob uma afirmativa religiosa. A situação era intolerável. Em agosto, ela teve sua primeira audiência individual com Sir Nicholas Throckmorton, protestante inglês e embaixador de Elizabeth I na França, narrada por Burnet; Gall; Scott (2013). Ele foi encarregado de persuadir Mary a ratificar o Tratado de Edimburgo. Ela considerava uma traição a sua mãe e a sua religião, Mary estrategicamente o colocou em um assento mais baixo que o seu e habilmente o lembrou de que ela e Elizabeth I eram primas e pediu também apoio inglês. Throckmorton ficou impressionado com ela e escreveu:

"A Rainha da Escócia faz portar-se tão honradamente, deliberadamente e discretamente, não posso deixar de temer seu progresso. Acho que seria de se desejar que a uma destas duas Rainhas da ilha da Grã-Bretanha fossem atribuídos a forma de um homem, para fazer uma união tão feliz quanto assim poderia ser, uma unidade de toda a ilha" (BURNET; GALL; SCOTT 2013, p. 37, tradução nossa).

A mera sugestão de que para serem respeitadas e ao menos consideradas capazes de estabelecer uma união entre os dois países, Mary ou Elizabeth I deveriam se casar para validar sua soberania, é a representação de como o protagonismo feminino na política internacional era tratado na época, e, como apontado por Mendonça (2015, p. 23), até hoje, a figura masculina é inquestionavelmente válida:

"Por serem consideradas frágeis e sensíveis em comparação ao homem, as mulheres, então, possuem menos confiança no que tange questões como guerras, política externa, defesa nacional, entre outros. Isso porque a força está no presidente, e este mesmo presidente, em sua grande maioria, é homem"

Os irmãos Guise tentaram encontrar um regente que pudesse substituir a irmã na Escócia e segurasse a ascensão do protestantismo escocês. Porém, antes que pudessem encontrar alguém, outra crise mudou completamente o rumo tanto da França, quanto do futuro de Mary. No dia 5 de dezembro de 1560, Francis II morreu, com apenas dezesseis anos, devido a uma infecção no ouvido. Com isso, Catherine recuperou seu poder e influência e expulsou imediatamente os Guise da corte e se tornou a regente da França em nome de seu segundo filho, Charles IX. A influência francesa na Escócia morreu com Francis II.

As especulações sobre o futuro da jovem viúva agitaram as atividades diplomáticas. Conforme apontado por Weir (2008), Mary tinha duas opções: se casar com um estrangeiro que fortaleceria seu reinado ou voltar para a Escócia. A primeira era para ela a única no momento, ela almejava recuperar o prestígio perdido com a morte de Francis II ao se casar com um grande rei católico. Foram considerados os pretendentes, Don Carlos, filho de Philip II da Espanha que era o mais desejável pois a união com a Espanha seria extremamente poderosa e vantajosa para Mary tentar restaurar o catolicismo na Escócia e fortaleceria sua reivindicação ao trono inglês. E, o próprio Charles IX, porém por ser sete anos mais novo, Mary teria que esperar muito tempo. Por trás das promissoras negociações de casamento com Don Carlos, Catherine intervia com medo da ascensão de Mary e, dos Guise permanecerem no poder na Espanha também então, através de sua filha Elisabeth que era esposa de Philip II, ela fez com que o noivado não acontecesse e, logicamente impediu a possibilidade do casamento com Charles IX. Ela queria que Mary partisse para seu próprio reino.

Mary parecia tão apreensiva em relação à Escócia, quanto os Lordes da Congregação estavam apreensivos pelo seu retorno. Ao mesmo tempo, ela tentava se aproximar de Elizabeth I enquanto adiava a ratificação do Tratado de Edimburgo, ela não pretendia reconhecê-la como rainha da Inglaterra até que Elizabeth I aceitasse nomeá-la como sua herdeira legítima. Além de Catherine, Elizabeth I também receava o casamento de Mary com um soberano católico, mas, pela ameaça que isso traria ao seu próprio reinado. Tendo em vista que não havia nenhuma possibilidade iminente de uma aliança de casamento estrangeiro que ela almejava, Mary decidiu voltar para a Escócia.

Como explicado por Mackay (1999), a deferência de Mary aos desejos dos Estados apesar de ser principalmente a fim de ganhar tempo com Elizabeth I, colocou-a em uma boa posição com o parlamento escocês que adotou uma linha semelhante ao lidar com o governo inglês. James Stewart, meio irmão de Mary foi até a França em março para negociar seu retorno e as condições para que a transferência de poder fosse o mais suave possível, ele estava ali em

nome da Congregação para garantir que a chegada de uma rainha católica não prejudicasse as premissas protestantes. Porém, como a Escócia estava nas mãos dos protestantes e o catolicismo foi considerado ilegal, Mary deixou claro que não interferiria na igreja protestante recém fundada, mas declarou que não abriria mão de exercer seu direito de ir a missa na privacidade das capelas reais. Ela garantiu que regressaria em espírito de reconciliação. James aceitou seus termos, frisando a importância de não assistir a missas publicamente e prometeu, como cita Weir (2008, p. 25): "servi-la fielmente e voltar à Escócia para preparar o coração de seus súditos para seu retorno"⁷. A discrição e tato de Mary ao tratar das diferenças religiosas pegou de surpresa John Knox e os protestantes extremistas que esperavam que ela tentasse voltar com toda a força e apoio para restaurar o catolicismo no país. Mas Mary era estratégica e sabia que não estava em posição de chegar esperando tal mudança, na verdade, a princípio ela havia subestimado a magnitude da reforma religiosa e achou que seria simples reverter a situação uma vez que estivesse de volta. Além disso, ela não cogitava voltar rodeada de tropas estrangeiras.

Como um aparte, pode-se observar aqui e no decorrer do estudo que o poder e influência se encontrava na mão da nobreza, de acordo com Mills (1982, p. 12): "A elite do poder é composta de homens cuja posição lhes permite transcender o ambiente comum dos homens comuns, e tomar decisões de grandes consequências". O protagonismo feminino também é associado ao poder e a elite. Todas as rainhas que conseguiram governar foi porque nasceram na realeza e eram 'escolhidas por Deus' ou porque nasceram em famílias nobres e muito ricas, as elites, como a própria Marie de Guise e Catherine de Medici, ambas vieram de famílias extremamente ricas que com sua influência, conseguiu colocar suas filhas na posição mais alta que havia e as duas, viraram regentes em nome de seus filhos, isso só foi possível pela posição social e dinheiro. Os dotes tão altos "compravam" a posição e eram vantajosos aos reis, uma vez que os casamentos eram arranjos políticos. Contudo, como exposto por Runyan e Peterson (2014, p. 84), "as divisões de poder na política mundial de hoje sugerem uma crise de representação e equidade"⁸. Desde o começo da sociedade o poder é concentrado nas elites e se mantém assim no presente. Para alguém de fora conseguir um lugar é exceção e muito difícil, como abordado adiante, as mulheres que conseguiram a posição de rainha sem essa influência da elite, eram consideradas feiticeiras.

Em junho, Mary recebeu uma carta amistosa de James que era equivalente a um convite dos Lordes da Congregação para que ela retornasse para casa. Mary, que estava com os preparativos para sua volta adiantados, como uma formalidade, solicitou a Elizabeth I um passaporte para que sua passagem por águas inglesas fosse segura⁹, mas, por ela ter se recusado a

⁷ To serve her faithfully to the utmost of his power, and returned again to Scotland to prepare the hearts of her subjects against her home-coming (Tradução nossa).

⁸ Divisions of power in today's world politics suggest a crisis of representation and equity (Tradução nossa).

⁹ No século XVI, viagens internacionais necessitavam de garantias para uma passagem segura.

ratificar o Tratado de Edimburgo, Elizabeth I negou seu pedido inicialmente, esta planejava interceptar Mary e impedi-la de ir seguir para a Escócia, quando ela voltou atrás e concedeu o passaporte já era tarde, Mary havia partido mesmo assim em meados de agosto, após esperar vários dias pela resposta de Elizabeth I, acompanhada de seus outros três tios de Guise, sua criadagem e de suas damas de companhia.

Como observado por Burnet; Gall; Scott (2013), como Mary não foi preparada para exercer seu papel de líder política, os anos na corte francesa pouco a desenvolveram para lidar com as dificuldades que ela enfrentaria na Escócia, o que ela absorveu foi observando as armadilhas e esquemas na corte, mas lhe faltava experiência com os golpes e conspirações da vida política. Sem a mãe para lhe aconselhar ela estava sujeita a confiar nos nobres e conselheiros que claramente só visariam seus próprios interesses, isso não foi fácil para uma rainha tão jovem, com apenas dezoito anos e sem saber em quem realmente confiar ou o que a aguardava em seu país turbulento, Mary se viu sozinha despedindo-se do lugar que ela considerava seu lar e onde fora feliz.

No dia 19 de agosto de 1561, muito antes do previsto, a chegada de Mary no porto de *Leith* pegou todos de surpresa que somente a esperavam no final do mês, ela foi recebida por um pequeno grupo de moradores locais e alguns oficiais, James entre eles, ao invés do cortejo que ela esperava. O silêncio que reinava, o clima e a diferença gritante entre a rústica Escócia e a magnitude da França foram um choque de realidade. Uma multidão então se reuniu para receber calorosamente sua jovem rainha, os católicos foram mais energéticos, mas os protestantes também sinceramente a receberam, Coventry e Miller (2017) descrevem que Mary que ficou encantada com a recepção e apoio, dissipou suas dúvidas ao voltar para sua terra. Ela impressionou a todos com sua beleza, dignidade, coragem e magnetismo pessoal.

No entanto, a euforia do seu regresso não durou muito, no quinto dia após sua chegada, um domingo, Mary compareceu a missa como era seu costume, na capela real do palácio de Holyrood, apesar do acordo com James de que ela manteria sua fé desde que em particular, nem todos foram tolerantes. John Knox com um grupo de protestantes se amontoaram no pátio do palácio exigindo que o padre fosse morto, a situação extremamente delicada precisou da intervenção de James que ficou na porta da capela, ainda assim, o padre foi empurrado e intimidado. Mackay (1999) detalha que, toda e qualquer esperança que Mary tinha de reconquistar seus súditos e os colocar de volta nos caminhos católicos se dissiparam, ela então percebeu quão séria a disputa religiosa estava e se indignou com tamanha violência. A notícia se espalhou rapidamente pela cidade e centenas de pessoas se reuniram na entrada do palácio gritando em protesto. Na manhã seguinte, Mary emitiu sua primeira proclamação, ela anunciou que não permitiria nenhuma mudança na situação religiosa no país, determinou que seus servos franceses não sofreriam nenhum tipo de perseguição e que permitiria os cultos protestantes, mas não deixaria de participar dos católicos em particular como era de seu direito de soberana. Evidentemente, a Escócia estava

bruscamente dividida, apesar dos católicos serem a maioria, estavam em declínio, a cidade de Edimburgo estava se tornando um reduto do calvinismo, o protestantismo estava em clara ascensão.

Mary, diferentemente dos governantes homens anteriores, teve que lidar com algo inteiramente novo, um eclesiástico cujos poderes excediam os níveis anteriores atribuídos a cardeais e arcebispos. Como mencionado anteriormente, John Knox era o nêmesis de Mary, ele era um dos Lordes da Congregação e seu fanatismo e extremo ódio pela soberania feminina o fazia acreditar em sua crença quase mística de que ele era o escolhido por Deus e que seus poderes foram por Ele concedidos. De acordo com Runyan e Peterson (2014, p. 114), "Os sistemas e instituições de crenças religiosas tradicionais desempenham um papel importante na perpetuação de imagens de mulheres e lhes negam posições de liderança"¹⁰. Mary teve que lidar durante sua vida, com a violenta personalidade de Knox que se achava melhor do que ela por conta de seu gênero. Após a discórdia por conta da missa, ele fez um sermão contra as atitudes de Mary, mesmo sabendo que ela tinha esse direito.

Mary não tinha a intenção de forçar a Escócia a renunciar o protestantismo e sua atitude para com a igreja protestante bem como suas garantias a Roma, mostram sua sensatez e perspicácia. Ela era sim leal à fé católica, mas, estava longe de ser extremista como Mary Tudor, ela era adaptável, tolerante e pragmática, visto que não lhe restava alternativa, para ela era claro que para sobreviver, teria que jogar as cartas da reconciliação e compromisso e aceitar conviver com a nova fé. Era melhor ter os Lordes protestantes ao seu lado do que contra ela, então ela trabalhou com eles mesmo sabendo que Knox não descansaria até lhe roubar o poder e tentar eliminar todo o vestígio de seu reinado "mundano".

Como sua chegada não foi como o esperado, um evento elaborado e grandioso foi planejado para marcar a primeira entrada oficial da rainha na cidade e, no dia 2 de setembro, Mary estava pronta para celebrar sua chegada como uma verdadeira monarca. Um desfile a acompanhou pela *Royal Mile* até o Castelo de Edimburgo onde houve um banquete. Na volta para Holyrood um cortejo a acompanhou, mas por interferência de Knox, os fanáticos protestantes expuseram mensagens subliminares e tentaram fazê-la aceitar uma Bíblia vernacular e um livro de oração protestante além de adicionarem costumes de sua religião. Isso claramente estragou a celebração para Mary que, manteve o sangue frio e a sabedoria de não reagir às provocações protestantes. O que deveria ter sido uma ocasião alegre de celebração, foi arruinada pelos elementos propagandistas de Knox.

Mackay (1999) narra o importante primeiro encontro entre Knox e Mary, ela o convocou para uma audiência em Holyrood e o censurou por incitar seu povo à rebelião e formar distúrbios civis. Inicialmente ele a deixou falar e depois fez um longo discurso sobre seu tema favorito, o monstruoso regime das

¹⁰ Traditional religious belief systems and institutions play an important role in perpetuating images of women that deny them leadership positions (Tradução nossa).

mulheres, ele questionou se Mary como mulher teria mesmo qualquer direito a soberania e respondeu sua própria pergunta dizendo que se ela fizesse o que ele desejava, supondo que o reino não se oporia a ser governado por uma mulher, ele não mais a rejeitaria. A insolência de Knox a pegou de surpresa, como autoridade ela esperava respeito e não os argumentos machistas e anticatólicos. Mesmo assim, ela manteve sua posição com destreza e habilidade que se igualou a assertividade de Knox que, com sua narrativa tendenciosa, não esperava resposta. Ambos estavam igualmente convencidos da verdade de sua causa, Mary disse que ele não era a igreja que ela sustentaria e, que defenderia a igreja de Roma porque acreditava ser a verdadeira igreja de Deus. Para ele, ela era uma mulher incorrigível. A discussão seguiu e Mary conteve sua raiva e se restringiu. Após o ocorrido, Knox reconheceu Mary como uma adversária perigosa e passou a usar todos os recursos possíveis para enfraquecer sua autoridade.

Mary nomeou os membros de seu conselho privado no dia 6 de setembro, escolhendo cuidadosamente, os principais nobres do reino independentemente da sua opinião política ou religiosa. "Não sendo uma mulher de caráter dogmático ou autoritário, ela estava disposta a aprender com Lorde James e os outros nobres, embora se recusasse a ser sua marionete." (TIMES, 2021, p. 8, tradução nossa). Com o propósito de mostrar sua força política, fortalecer os laços políticos e, ser vista por seus súditos a fim de favorecer sua lealdade, estes, ficavam entusiasmados com a chance de vê-la, Mary iniciou progressos reais, que consistiam em viagens por toda a Escócia visitando as principais cidades e as residências reais. Entre 1562 e 1565, dois terços do tempo foram dedicados aos progressos reais, os itinerários eram cuidadosamente planejados por ela para equilibrar os favores e não demonstrar preferências óbvias entre famílias católicas e protestantes. Como o conselho privado a acompanhava, ela ainda governava o reino enquanto estava fora.

Apesar de terem sido governados por uma mulher francesa anteriormente, os escoceses não estavam acostumados com a vivacidade e a personalidade de Mary, que trazia consigo costumes franceses e fazia questão de demonstrá-los, ela estimava imensamente todos os tipos de arte e música. Mary trouxe artistas para sua corte e juntamente com suas damas fazia o melhor que podia para se divertir naquele país tão diferente do que ela cresceu, em banquetes e bailes reais elas dançavam como sempre fizeram na França. John Knox, no entanto, a repudiava, dizia que o palácio se tornaria em um bordel, que suas danças eram diabólicas e que o jeito que Mary vivia era abominável e ofensivo a Deus. Outro fator que durante todo o governo de Mary revoltava Knox, era a sua paixão e talento por esportes ao ar livre, e o fato dela e suas damas usarem calças para praticar tais atividades o horrorizava, além disso ela sempre cavalgava onde quer que fosse, o que não era comum para mulheres na época, e, é explicado por Monte (2013, p. 69): "A diferenciação entre masculino e feminino não é apenas uma característica individual, mas um conjunto de normas e significados que perpassa os indivíduos, ao mesmo tempo que oferece a esses

elementos para a construção de suas identidades".

Em setembro de 1562, em um dos progressos, como relatado por Burnet; Gall; Scott (2013), ocorreu um confronto com um nobre católico, George Gordon, Conde de Huntly. Ele não apoiava a ideia de uma aliança com a Inglaterra protestante, inclusive, tinha oferecido a Mary no ano anterior passagem segura para Aberdeen e ajuda para restaurar o catolicismo na Escócia e ressentia James por ele ter sido nomeado Conde de Mar e Moray por Mary. Ao seguir viagem para Inverness Mary se deparou com uma rebelião, o capitão que era um dos filhos de Gordon não permitiu que ela entrasse no castelo de Inverness. Enfurecida, Mary retornou no dia seguinte com um exército local que após um cerco de três dias, tomaram o castelo e enforcaram o filho de Gordon. Enquanto isso, George estava à espreita e quando Mary retornava, seu outro filho surgiu com mil homens para capturar Mary e forçá-la a se casar com ele, porém, Mary tinha um exército de três mil homens que espantaram os desertores. No final de outubro, Huntly invadiu sorrateiramente e capturou o distrito de *Strathbogie*, junto com seu exército ele marchou em direção à *Aberdeen*. Mary se preparou e liderou seu próprio exército contra o rebelde Huntly, usando armadura e portando pistolas, a Batalha de Corrichie foi facilmente vencida por ela. Huntly foi capturado e morreu no local, e o filho, sentenciado à morte.

A atitude de Mary não se encaixava na característica 'feminina' de ser delicada e não se envolver em batalhas ou eventos violentos, "a figura de força fica na mente da sociedade como pertencente – quase que exclusivamente – ao gênero masculino" (MENDONÇA, 2015, p. 23). Thomas Randolph, diplomata inglês escreveu impressionado "Nunca a vi tão feroz, sem medo e nunca pensei que ela tivesse estômago para isso" (BURNET; GALL; SCOTT 2013, p. 56, tradução nossa). Novamente, uma declaração de Monte (2013, p. 70) se aplica perfeitamente a este pensamento do século XVI, que perdura até a atualidade:

“... identidades e atividades que são concebidas como próprias dos homens, ou de características masculinas, tenham maior prestígio, diante de identidades e atividades associadas às mulheres ou a características tidas como femininas. Essa hierarquização é uma construção política, na medida em que distribui poder, autoridade e recursos de forma a privilegiar os homens (ou indivíduos associados à masculinidade) - o acesso das mulheres aos recursos, ao poder e à autoridade é, por isso, desigual e desprivilegiado”.

Em sua ausência, seus inimigos tentavam de tudo para insultá-la e desafiar sua autoridade, mas Mary, não sucumbia e considerava a melhor forma de lidar com os desafios que se faziam presentes não somente por sua religião, mas pelo seu gênero. "Como uma jovem rainha católica em uma terra turbulenta, Mary enfrentou desafios que teriam derrotado um governante muito mais experiente." (WEIR, 2008, p. 35, tradução nossa).

As negociações com Elizabeth I continuavam e os representantes de ambas as rainhas transitavam trazendo as notícias e tentavam chegar em um

acordo. Mackay (1999) descreve-as como sendo irreduzíveis com seus objetivos e eles lidavam com duas mulheres obstinadas, considerando a inflexibilidade mais um obstáculo do que uma ligação do sangue Tudor que elas compartilhavam. Por mais que o interesse de ambas pudesse ter sido atendido por algum acordo amigável, não foi o que aconteceu. Se as soberanas fossem homens, então tal aliança poderia ter sido possível se o tradicional raciocínio tivesse sido seguido, onde ambas seriam vistas pelo mundo somente como monarcas e não pelo "elemento incalculável de idiossincrasias femininas" (HENDERSON, 1905, p. 193, tradução nossa). Correspondências eram trocadas e aos poucos Elizabeth I, que é descrita como fria e calculista, se abriu perante a ternura e personalidade de Mary. Ter uma boa relação com a rainha da Inglaterra era a prioridade de Mary que, chegou a dizer que nessa situação desejava que fosse homem para poder se casar com Elizabeth I e resolver o impasse com a consumação do casamento, um desejo de fato que era compartilhado por todos. Negociações foram feitas e um encontro entre as duas foi planejado por meses, apesar das preocupações do conselho de que Elizabeth I pudesse sequestrar Mary e mantê-la presa além dos custos dessa missão diplomática. Os protestantes temiam que qualquer desavença entre as rainhas diminuísse o apoio e proteção de Elizabeth I e os católicos receavam que Mary pudesse ser corrompida e convertida por ela. No fim, a reunião nunca aconteceu.

Em fevereiro de 1563, Pierre de Châtellard, um poeta francês que fazia parte da corte de Mary, invadiu seus aposentos e se escondeu debaixo de sua cama, ele foi descoberto pelos criados. Mary ficou furiosa e ordenou que ele deixasse a corte e o baniu da Escócia. Ele a seguiu furtivamente em um progresso em Fife e novamente se escondeu debaixo de sua cama, enquanto as damas estavam a ponto de despir Mary, ele tentou agarrá-la. Os gritos de Mary foram ouvidos por James que correu ao seu quarto e apreendeu Pierre, Mary em choque ordenou que fosse executado, porém, ele foi levado e julgado alguns dias depois, e seus pedidos por perdão foram negados, ele foi condenado por traição e executado. Para preservar sua reputação, Mary decretou que uma de suas damas passaria a dormir em seu quarto. O mais revoltante desse momento traumático na vida de Mary, é o fato de ter sua dignidade e honra questionadas seriamente acima da preocupação do seu bem-estar e alento por tamanha violência na tentativa de estupro. Nem assim, Knox deixou de usar esse incidente contra Mary, questionando publicamente sua reputação.

Com o passar do tempo, as pressões para um casamento aumentavam, Mary planejava se casar para conseguir gerar um herdeiro, mas, o problema em um mundo dominado por homens seria que seu marido se tornaria rei da Escócia e idealmente assumiria um papel mais importante que o dela. Negociações para um casamento com Don Carlos mesmo após a interferência de Catherine e Elizabeth I foram feitas em segredo, porém, devido a saúde precária dele e sua insanidade, a possibilidade foi descartada de vez. Na época em que ficou viúva, o nome de Henry Stuart, Lorde Darnley foi pensado, mas, desconsiderado momentaneamente. Os tios de Mary na França a aconselhavam e ainda

aguardavam uma união poderosa com um católico, opostamente, Elizabeth I que temia por seu próprio governo, declarou que se Mary se casasse com alguém de sua escolha, ela a proclamaria sua herdeira. Era o que Mary mais almejava e no momento sua principal missão. Então, Elizabeth I, astutamente após ganhar tempo sem revelar quem escolheria, nomeou Robert Dudley, Mestre da Cavalaria, ele era muito próximo de Elizabeth I, porém, sua reputação era duvidosa, e além de ser filho de traidores, ele era de uma posição bem abaixo que Mary. A proposta pareceu mais como um insulto. Agora, sem muitas opções disponíveis, Darnley parecia a única alternativa. De fato, ele e Mary eram primos, e assim como ela, era neto de Margaret Tudor, porém, sua mãe, Margaret Lennox, era filha do segundo casamento de Margaret com Archibald Douglas. Com isso, ele tinha certo direito ao trono inglês e isso fortaleceria a posição de Mary e como ele era católico¹¹, havia a possibilidade de ele apoiá-la em seu desejo secreto de restaurar sua fé e ganhar independência política dos Lordes protestantes que não a deixavam verdadeiramente exercer seu papel de soberana de direito (WEIR, 2008). Elizabeth I, que genuinamente tinha medo de que ao reconhecer Mary como sua herdeira e sucessora estaria assinando sua sentença de morte, temia ainda mais essa união, a reivindicação conjunta seria forte demais e seu título de sucessão não deixaria dúvidas, além de católicos, eles eram uma ameaça para ela.

Darnley, pela sua proximidade sanguínea com os governantes da Escócia e Inglaterra, teve uma educação adequada para um príncipe. Aqui podemos destacar a desigualdade de gênero que impactou o governo de Mary pela falta de um preparo adequado e acesso a recursos considerados masculinos. Darnley que tinha realisticamente poucas chances de assumir o trono de fato, apesar de acreditar estar destinado a isso, foi educado da maneira que Mary deveria ter sido minimamente por ser rainha legítima de uma nação. Para os príncipes herdeiros na monarquia no geral, não somente no século XVI, os mais renomados tutores em diplomacia, estratégias de guerra, política etc., eram contratados para que a educação dos futuros reis fosse excepcional e as virtudes masculinas e virilidade fossem-lhe passadas. Mary, teve um tutor renomado, mas em poesia, enquanto os homens eram preparados desde seu nascimento, ela aprendia bordado e atividades delicadas associadas ao feminino, as áreas de conhecimento ensinadas estabelecia e fortalecia o abismo entre homens e mulheres em relação a liderança política. Comparando com o século XXI, esta ainda é uma realidade, mulheres não têm a mesma oportunidade, desde a primeira infância, é predeterminado do que meninas podem brincar e fazer, e a própria sociedade manifesta até hoje, uma separação de gênero nas profissões, o que conseqüentemente afasta as mulheres da escolha de certos cargos, principalmente os de liderança política por não terem incentivo, se sentirem despreparadas pela associação do homem naquela posição ou pelos enfrentamentos machistas, para Monte (2013, p.70): “As diferenças de gênero

¹¹ Para Darnley, religião era uma questão política. Ele foi criado como católico e era conhecido por tal, porém, na corte de Elizabeth I, ele praticava o protestantismo porque era conveniente.

no acesso a recursos, poder e autoridade afetam a posição das mulheres na sociedade". E Runyan e Peterson (2014, p. 116) reiteram que:

"As mulheres recebem não apenas uma educação diferente da dos homens, mas também, até muito recentemente, muito menos educação do que os homens. Como a educação está intimamente relacionada às oportunidades ocupacionais, a falta de treinamento educacional alimenta a segregação de gênero da força de trabalho e suas consequências negativas para as mulheres" (Tradução nossa).

Mary e Darnley se conheceram em 16 de fevereiro de 1565, durante um dos progressos. Inicialmente, a relação entre eles era típica de súdito e monarca. Após algum tempo, quando Mary regressou a Edimburgo ele a acompanhou e se tornou um membro constante na corte. Como apontam Coventry e Miller (2017) e Weir (2008), Darnley foi ganhando sua atenção, ele era charmoso e se esforçava dançando e cantando para conquistá-la. Eles passaram a aproveitar a companhia um do outro e ele a cortejava. Mary foi se encantando com Darnley e considerava a união, ele animado com seu sucesso, precipitadamente pediu Mary casamento, apenas para ser friamente recusado uma vez que ela ainda estava preparada para se casar com Dudley se Elizabeth I realmente a nomeasse sua sucessora. Elizabeth I então anunciou que se Mary se casasse com ele, perderia sua reivindicação ao trono inglês. A maioria dos nobres protestantes também não apoiavam a união, não se deixavam enganar por Darnley, além de não quererem que o novo rei fosse oposto a suas ideias, e se juntaram para impedir o casamento. James, não suportava a ideia de ter um intruso católico o tirando de sua posição de braço direito da rainha pois, ele sabia que Darnley ajudaria Mary a se livrar dele. Mary, talvez cega por amor, não deu ouvido aos nobres que a alertaram que Darnley traria discórdia e divisão à Escócia, o rancor por Elizabeth I pesou para sua decisão, Mary se sentiu traída e usada pela prima, que a fez perder muito tempo já que não pretendia realmente torná-la sua sucessora. Sua obsessão por Darnley em seu desejo por vingança e cobiça contra Elizabeth I, a fizeram irracionalmente passar por cima dos sinais que seu futuro marido apresentava, ele foi fazendo muitos inimigos com sua arrogância e temperamento explosivo, já se achando no direito de soberano. A população também em sua maioria, não estava satisfeita com a escolha de Mary com medo da restauração do catolicismo, portanto, ela emitiu uma proclamação alegando que não pretendia interferir nos assuntos religiosos. A Espanha e a França, no entanto, concordaram implicitamente com o matrimônio.

Contudo, as interferências diretas de Elizabeth I forçaram os Lordes escoceses a tomar posição e, embora relutantes, no dia 15 de maio em uma assembleia, eles concordaram com o casamento entre Mary e Darnley. Por serem parentes de sangue e, para a igreja, de um grau muito próximo, Mary no mesmo dia, pediu uma dispensa papal. Porém, acabou não esperando e no dia 29 de julho de 1565 casou-se com Darnley e apesar de não ter sido um evento suntuoso como seu primeiro casamento, foi celebrado pelos convidados.

Contudo, o início do casamento não foi muito promissor, os Lordes protestantes que não conseguiram impedir o casamento, se rebelaram e tentaram tomar Edimburgo. Mary, agiu rapidamente, reuniu forças e convocou suas tropas para extinguir a rebelião, ela deixou claro que não perderia tudo que havia conquistado recentemente e os exilou. James e os rebeldes fugiram para a Inglaterra, eles pediram ajuda a Elizabeth I, mas não obtiveram apoio. Esses acontecimentos ficaram conhecidos como Chaseabout Raid¹².

Mary emergiu triunfante com sua autoridade firmada. Porém, quando achou que finalmente as coisas iriam melhorar, seu marido de fato começou a mostrar sua verdadeira personalidade e ela passou a compreender com quem havia se casado. A virada de chave no relacionamento deles foi a forte recusa de Mary a lhe dar a Coroa Matrimonial, que não só o tornaria rei da Escócia, mas lhe permitiria continuar como monarca por toda sua vida mesmo se Mary morresse antes dele. Ela não cometeria esse erro de novo, principalmente por ser ele e por saber a este ponto que ela perderia seu poder, como rainha, mesmo que legítima, seria secundária a seu marido que teria plenos poderes e governaria o seu país. Darnley era seu rei consorte e nada mais, ele ficou furioso. O comportamento infantil de Darnley era problemático para Mary e a deixava vulnerável ao dar munição aos seus inimigos para usar contra ela, que já a achavam imprópria para governar sendo uma mulher. Ele se recusava a exercer seu papel nos assuntos de Estado e nas responsabilidades do governo, ela teve que fazer um selo com sua assinatura para usar em sua ausência já que os documentos precisavam da assinatura de ambos e ele quase nunca estava presente (COVENTRY e MILLER, 2017).

Mary engravidou, um herdeiro legítimo estava a caminho, seu nascimento cumpriria seus deveres como monarca e como esposa, fortaleceria sua posição garantindo sua sucessão e promovendo sua reivindicação dinástica ao trono inglês, enviando uma clara mensagem a Elizabeth I que ainda não havia se casado. Isso a encorajou a lidar com seu casamento. A notícia foi bem recebida por quase todos, sua popularidade na Inglaterra crescia e ela tinha o apoio do novo papa, Pio V. Os rebeldes, no entanto, tiraram proveito e fizeram de Darnley uma arma contra Mary, ele conspirou com os rebeldes protestantes para capturar Mary. Neste ponto, é preciso abrir um parêntese para explicar os eventos a seguir, baseados na visão de Burnet; Gall; Scott (2013), Coventry e Miller (2017), Tweedie (2006) e Weir (2008). Outra figura masculina que fez parte da vida de Mary foi o italiano David Rizzio, membro do coral da Capela Real, atraiu sua atenção e ela ficou impressionada com sua voz e habilidade no alaúde, e o convenceu a permanecer em sua corte como parte de um quarteto musical formado por seus empregados. Ele se tornou um de seus favoritos. Em dezembro de 1564, o secretário francês, Pierre Raullet, foi demitido por aceitar subornos dos ingleses e então, Mary contratou Rizzio como seu secretário

¹² Incursão de perseguição (Tradução nossa).

pessoal, substituindo-o. Isso o colocou em contato direto com ela, Rizzio se tornou uma figura paterna e parecia ter um certo nível de influência sobre ela. Contudo, provocou um grande ressentimento entre sua comitiva, ele escutava os problemas de Mary e lhe dava apoio emocional, mas esse era um papel que deveria ser de seu marido que, tinha muito ciúmes de Rizzio, principalmente pelos rumores de que Mary passava muito tempo com um homem que não seu esposo. Preocupados e incomodados, os protestantes ainda tinham que pedir a ele para obter uma audiência com Mary, ademais Rizzio acreditava no ideal de uma Escócia independente em comunhão com a Europa católica e por isso, eles temiam que Rizzio fosse um espião de Philip II e tentasse incitar Mary a começar uma revolta católica. De certo que, a influência e intervenção de Rizzio deixava claro os limites do poder de Mary.

O julgamento dos envolvidos no *Chaseabout Raid* estava marcado para março de 1566, os rebeldes então tiveram que agir rapidamente e se certificar de que não seriam condenados, Darnley se aliou a eles para depor Mary em troca da tão cobiçada Coroa Matrimonial e deixou sua "fé" de lado, ele planejava revogar os Lordes exilados e proibir o parlamento de aplicar qualquer pena a eles. Um obstáculo em seus planos era David Rizzio, seria preciso livrar-se dele, que também serviria de bode expiatório para mostrar aos protestantes que sua lealdade estava com eles, Rizzio era perfeito, o católico acusado de influenciar a rainha a acabar com os protestantes. O parlamento havia decidido que os rebeldes seriam convocados no dia 12 de março assim, na noite do dia 9, Darnley conduziu oitenta e dois homens por uma passagem secreta até os aposentos de Mary que jantava com Rizzio, suas damas e algumas pessoas próximas a ela, o choque tomou conta dos presentes, a privacidade da rainha sendo violada de tal forma e sua autoridade desconsiderada. Os homens gritaram por Rizzio que tentou correr, mas em vão, enquanto Darnley agarrava Mary e um dos Lordes apontava uma adaga para sua barriga, os rebeldes esfaquearam Rizzio cinquenta e seis vezes. "Esta foi uma atrocidade cometida com um propósito político disfarçado de crime passionai. Foi um ato de agressão masculina contra uma mulher indefesa, simbolizado pela arma apontada para o ventre de Mary enquanto ela tentava proteger seu secretário apavorado. Ela estava grávida de seis meses de Darnley e o risco de aborto era alto" (TWEEDIE, 2006, p. 2, tradução nossa). Após o violento assassinato de Rizzio, os rebeldes foram embora e Mary, ao recuperar seu juízo, acusou Darnley de assassinato e traição e ele friamente disse que ela o estava negando seus direitos conjugais além de preferir passar as noites na companhia de Rizzio. Mary ficou furiosa, Darnley foi embora deixando-a só e prostrou um guarda armado na porta de seu quarto, um tormento para Mary, como soberana. Ela teve tempo para pensar, sabia que corria perigo e precisava agir rápido para lidar com tamanha calamidade da melhor forma. Na manhã seguinte, ainda trancada em seu quarto, Darnley foi vê-la e ela expôs para ele as consequências políticas do assassinato e ele tomado por medo confessou seu envolvimento, ela o persuadiu a escaparem juntos. No dia seguinte, os insurgentes emitiram uma proclamação

em nome de Darnley perdoadando todos os envolvidos no *Chaseabout Raid*, assim, James estava livre para tentar tomar o poder de Mary. Os Lordes foram informados que ela iria embora de Holyrood no dia seguinte pelo bem do herdeiro da Escócia, mas, com a ajuda de criados e apoiadores, Mary conseguiu organizar sua fuga naquela noite, ela teve que aceitar Darnley apesar de tudo pois, ele era o pai de seu filho e para assegurar sua legitimidade, ela teria que ficar com ele. O casal fugiu para o Castelo de *Dunbar*, uma fortaleza, a viagem de mais de cinco horas foi torturante para Mary por conta da gravidez.

Lá, ela se reuniu com os nobres que lhe eram fiéis e ao sentir que tinha apoio suficiente, agiu rapidamente de forma a ludibriar os conspiradores. Sagazmente, ela se dispôs a absolver os rebeldes envolvidos no *Chaseabout Raid*, porém, os assassinos de Rizzio seriam separados desse grupo e não seriam perdoados. Ao se darem conta que estavam em desvantagem numérica, os rebeldes fugiram de Edimburgo. De acordo com Coventry e Miller (2017), pouco tempo depois, Mary estava de volta ao controle e no dia 18 de março, pronta para o contra-ataque, ela voltou para Edimburgo, novamente como a heroína conquistadora. Quinze dias depois, da segurança do Castelo de Edimburgo, ela baniu os mandantes do crime Conde de Morton e Lorde Ruthven e todos os outros 80 participantes no complô contra Rizzio. A vingança foi sua recompensa por ser mais esperta que seu marido e aqueles que se rebelaram contra ela. No dia 19 de junho de 1566, James VI da Escócia nasceu forte e saudável. O nascimento de um herdeiro menino, sadio e legítimo foi um enorme triunfo para Mary, além de ter cumprido seu dever como mulher, seu filho não era apenas herdeiro do trono escocês, mas também do inglês, um grande passo em direção ao seu sonho de um dia conseguir a coroa da Inglaterra. A chegada do príncipe provocou grande júbilo entre católicos e protestantes, o povo escocês estava radiante.

No dia 17 de dezembro do mesmo ano, em um majestoso evento que durou três dias, James VI foi batizado no Castelo de *Stirling*, Mary quis celebrar grandiosamente sua conquista de ter um herdeiro, demonstrar sua autoridade e repelir possíveis rebeliões. No dia 24 de dezembro, Mary perdoou os assassinos de Rizzio.

De acordo com Burnet; Gall; Scott (2013, p. 88 e 89) e Coventry e Miller (2017 p. 54 e 55), Darnley ficou extremamente doente, ele estava com sífilis em estágio secundário e sua aparência física antes muito atraente se tornou irreconhecível, Mary foi para *Glasgow* cuidar dele e quando ele se recuperava, ela conseguiu convencê-lo a voltar para Edimburgo com ela mas ele se recusou a ser visto dessa maneira pela corte e então foram para *Kirk o' Field* nos arredores de Edimburgo, eles chegaram no dia 1º de fevereiro de 1567 e Mary permaneceu lá com o marido até a noite do dia 9 quando foi para o casamento de seu assistente e cenógrafo no Palácio de *Holyrood*, no dia seguinte, Darnley regressaria para a corte. Durante aquela noite, a ausência de Mary foi o momento perfeito para conspiradores contrabandear explosivos em seus aposentos e, durante a madrugada uma explosão fortíssima atingiu a casa e não

sobrou nada. No entanto, entre os corpos, não encontraram Darnley, ao vasculharem os arredores da propriedade, acharam seu corpo no jardim ao contrário de todos os outros, a causa da morte não foi a explosão, com sinais de sufocamento e estrangulamento foi comprovado seu assassinato. Novamente viúva e, em uma situação extremamente delicada, Mary enfrentou a maior crise de sua vida. Ela foi apontada como suspeita e até hoje mesmo sem provas é acusada de ter mandado matar o marido. Aqui, uma análise é necessária para se entender o assassinato de Darnley, que mudou o curso da vida de Mary, em primeiro lugar, Mary poderia estar na casa e ter sido assassinada também, a escolha de seus aposentos era uma clara tentativa de incriminá-la, segundo, Darnley tinha um número incontável de inimigos, de acordo com Alison Weir (2003, p. 57):

"Ao longo de sua vida adulta, Darnley fez inimigos não apenas por causa de sua arrogância e traição, mas também por seu egoísmo inato, estupidez e pura falta de tato, sendo ele 'naturalmente de uma disposição muito insolente'. Para aqueles que se opunham a ele, ele poderia ser implacável, vingativo e cruel" (Tradução nossa).

Ninguém o suportava, ele se envolvia em brigas com qualquer pessoa além das conspirações para sequestrar o filho e prender Mary para assumir como regente. Nenhum dos nobres aceitaria ser governado por ele. Não se sabe ao certo quem foi ou o motivo principal. Os principais suspeitos foram o Conde de Morton, um dos mandantes no assassinato de Rizzio que confabulava com Darnley e o Conde de Bothwell.

James Hepburn, Conde de Bothwell foi o homem que levou Mary à ruína. Lorde Alto Almirante, ele trabalhava para Marie de Guise e era leal a ela, foi enviado à França para levar cartas à Mary e esteve presente na coroação de Francis representando Marie e comandou a frota que levou Mary de volta à Escócia. Quando Mary assumiu o trono ele jurou lealdade a ela, como era alguém que sua mãe confiava e Mary não tinha muita referência ela decidiu confiar nele. Contudo, Bothwell era um homem problemático e tinha muitos inimigos além de se envolver em escândalos. Os Lordes protestantes não gostavam dele e o consideravam um desordeiro por sua recusa a se aliar à Congregação mesmo sendo protestante. Weir (2008) destaca que ele foi acusado em março de 1562 de maquinar sequestrar Mary para levá-la ao Castelo de Dumbarton onde abusaria dela, mataria James Stewart e assumiria o governo, ele se declarou inocente e como a pessoa que o acusou estava fora de si, o fato foi desconsiderado, porém, anos mais tarde se provou verdade. Além disso, ele já havia desrespeitado Mary publicamente ao lhe entregar um papel com versos impróprios, implicitamente insultando sua reputação. Não bastando, ele foi também acusado por seus inimigos de ter se referido a Mary de forma desrespeitosa enquanto esteve na França em uma de suas viagens, e ter alegado que se juntasse ela e Elizabeth I não daria uma mulher honesta, e que

Mary era a meretriz de seu tio, o Cardeal de Lorraine, chocada pela traição e com tamanho insulto à sua honra, Mary declarou que ele seria julgado em Edimburgo. Durante um tempo então, ele foi exilado. Ao regressar após cumprir sua pena na França, durante os acontecimentos de *Chaseabout Raid*, Mary convocou-o e o colocou no comando de suas forças contra os rebeldes, nomeando-o tenente-general por suas forças militares e confiabilidade política. O que causou ciúmes em Darnley que não concordava com sua escolha. Bothwell ajudou o casal a fugir após o assassinato de Rizzio. Ele então, ganhou novamente a confiança de Mary e durante seu casamento conturbado ele lhe fazia companhia e era seu apoio já que Darnley falhava nesse quesito.

Darnley foi enterrado no dia 14 de fevereiro de 1567, sem cerimônia. É descrito por Burnet; Gall; Scott (2013) que Mary não demonstrou o mesmo sofrimento no luto por seu segundo marido, o que é compreensível dado tudo o que passou, mas, isso foi considerado estranho e suspeito. Ela então depositou sua confiança em Bothwell, apesar de ele ser um dos principais suspeitos, ela temia por sua vida e Bothwell era o chefe de sua guarda. O Conde de Lennox, pai de Darnley, acusou Bothwell abertamente e abriu um processo contra ele já que nenhuma providência havia sido tomada para descobrir quem tinha sido o responsável pela morte de seu filho. Bothwell foi julgado no início de abril e absolvido. Ele então tentou fazer com que o Parlamento assinasse um documento aprovando-o como marido para Mary, apesar de ela já ter recusado as propostas de casamento dele várias vezes, mas, só conseguiu duas assinaturas. Diante disso ele decidiu agir rápido, Mary, que voltava do Castelo de *Stirling* após alguns dias com seu filho foi interceptada por Bothwell e seus oitocentos seguidores, e forçada a seguir para o Castelo de *Dunbar* que pertencia a ele. Ele havia sequestrado Mary e a estuprado, assim ele a forçou a se casar, para sobreviver, ela se convenceu que estava apaixonada por ele. Ele a levou de volta a Edimburgo onde ela o perdoou pelo sequestro e lhe nomeou Duque de Orkney para que ele tivesse status suficiente para o casamento, claramente ações manipuladas por ele. A Europa ficou chocada com a decisão de Mary, mas mesmo seus apoiadores, nada fizeram para ajudar. Assim, com uma repercussão política bastante negativa, eles se casaram no dia 15 de maio em uma cerimônia protestante em *Holyrood*, outra evidência de que Mary foi obrigada a isso. "A própria justificativa de Mary para o casamento era de gênero, uma vez que ela alegou que não poderia continuar a governar sem a 'fortificação de um homem'. Os resultados do casamento com Bothwell foram abuso sexista e uma rebelião" (DORAN, 2021, p. 38, tradução nossa). Não foi uma união feliz, e isso era claro, Bothwell se provou pior que Darnley, possessivo e ciumento ele proibiu Mary de olhar para qualquer homem que não fosse ele, a desrespeitava como mulher e rainha, além de sua arrogância e ambição, ele também queria a Coroa Matrimonial e oprimir Mary para governar sozinho, ainda começou a emitir leis e iniciou uma correspondência diplomática pretensiosa com a corte inglesa. Os Lordes haviam abandonado Mary, que não podia mais comandar seu apoio na formação de um exército. Mary engravidou, o que afetou suas futuras

decisões.

No dia 11 de junho, os Lordes tomaram Edimburgo, e no dia 15 a Batalha de *Carberry Hill* aconteceu, os exércitos se enfrentaram, após horas vendo a exaustão de suas tropas e não querendo que aquele derramamento de sangue fosse adiante, Mary tentou fazer com que os Lordes perdoassem os acontecimentos, eles recusaram e afirmaram que parariam a batalha se Mary abandonasse Bothwell e o entregasse porém, pelo bebê e porque sua honra feminina estava comprometida, ela não permitiu que os outros senhores a resgatasse de Bothwell. Ao invés disso, negociou sua rendição em troca da liberdade dele, o que surpreendeu a todos, Mary no entanto, esperava que seria tratada como rainha mas contrariamente, ao ser levada, ela foi atacada por uma multidão que gritava "queime a meretriz", seu povo se virou contra ela, cartazes foram espalhados com uma sereia sem blusa usando uma coroa e uma lebre, a mensagem por trás dos desenhos ligava Mary sexualmente a Bothwell e ao assassinato de Darnley¹³, o que foi uma ofensa a sua autoridade e dignidade. Runyan e Peterson (2014, p. 144) alegam que "Com demasiada frequência, as mulheres são retratadas como a fonte do mal (a prostituta sexual incontrolável) ou o modelo de santidade (a virgem abnegada)"¹⁴. Aqui o estereótipo que perdura até hoje é aplicado para Mary e Elizabeth I, esta última por não ter se casado, é considerada a rainha virgem, mesmo que tenha sido submetida a acusações de má conduta sexual. Os comentários, feitos em público, pretendiam prejudicar a reputação de Elizabeth I em um momento em que a castidade era o ideal feminino (DORAN, 2021).

Outro ponto interessante nesse quesito é a ignorância, incitada pelas doutrinas religiosas e baseada nas crenças da época, fazia com que as pessoas acreditassem no sobrenatural para explicar o que não entendiam. As mulheres que se destacavam mais do que deveriam ou eram bruxas ou prostitutas. Mulheres atraentes demais que não eram da realeza mas que se casaram com um soberano, foram acusadas de enfeitiçar os maridos, levando estas a decisões precipitadas ou que trouxeram consequências para o reino, como o inverso não era sequer cogitado, Mary foi massacrada pela escolha de seus maridos, e culpada a se deixar levar pela emoção, principalmente Bothwell, apesar de todas as evidências de seu comportamento e ações violentas, e mesmo sob as circunstâncias do matrimônio foi tratada como a meretriz, mas o historiador Eric Ives (2004, p. 298), descreve perfeitamente que "alegar bruxaria era uma desculpa comum para um comportamento masculino tolo"¹⁵. Por ser mulher, Mary nem teve essa oportunidade. Weir (2008) conta que Mary era considerada a mais bonita da Europa e que inspirava fascínio fatal nas imaginações do sexo masculino, inclusive em Knox, que resistia e dizia que não seria enfeitiçado por

¹³ Os cartazes eram uma propaganda de denúncia ao "adultério" de Mary, sereias na época eram um símbolo associado a prostitutas, e a lebre era o emblema da família de Bothwell.

¹⁴ All too frequently, women are portrayed as either the source of evil (the uncontrollably sexual whore) or the model of saintliness (the self-sacrificing virgin) (Tradução nossa).

¹⁵ Alleging witchcraft was a common-place excuse for foolish male behaviour (Tradução nossa).

ela, ele ainda a colocava na posição de culpada, especialmente na tentativa de estupro que sofreu. Como exemplos próximos a época de Mary, pode-se citar Elizabeth Woodville, viúva e plebeia que se casou com o rei Edward IV e foi inúmeras vezes acusadas de bruxaria e, de acordo com um artigo publicado no Tudor Brasil (2016), "Tal acusação era uma poderosa ferramenta nas mãos dos inimigos políticos certos e serviu ao seu propósito, perdurando através dos séculos". Ana Bolena, foi acusada de enfeitiçar e seduzir Henry VIII, apesar desta não ter sido a causa da sua sentença de morte, na compreensão popular, as atitudes do rei eram culpa da mulher que o fez romper com a igreja católica. E, a própria Catherine de Medici, a saúde frágil de seu primogênito era associada a poções e feitiços que ela tenha feito para finalmente ter um herdeiro, já que levou anos até conseguir engravidar, além disso, era considerada adoradora do diabo, enquanto regente em nome de seu filho Charles IX, ainda segundo o Tudor Brasil, panfletos foram distribuídos acusando-a de feitiçaria, inclusive na Inglaterra com permissão de Elizabeth I que, acreditava estar acusando além de Catherine, todas as governantes católicas mas estas acusações, "não refletiam apenas sobre sua religião e sim, especialmente, sobre seu sexo". O artigo retrata o pensamento de Hugh M. Richmond, "uma mulher que sai de sua esfera de recato de gênero, é vista como transgressora e bruxa" e, que os homens como heróis, rodeados por bruxas tentam promover seus próprios interesses políticos. Atualmente, a existência do sobrenatural não é mais uma questão, porém, a associação da vida privada feminina como detonador ainda existe, e dizer que mulheres só ascenderam em cargos de destaque por beleza ou favores sexuais são atos corriqueiros que enaltecem o homem.

Emitiram uma ordem de prisão e Mary foi levada para o Castelo de *Lochleven*, após sua captura ela foi ameaçada, maltratada e desrespeitada, com ela fora da jogada, agora não era mais preciso disfarçar, o curioso é que as decisões infelizes de Mary após a morte de Darnley, favoreceu os Lordes que não ajudaram e, conjuraram planos para tomar de vez o poder, em 24 de julho, depois de ser abertamente ameaçada de morte, ela assinou sua abdicação em nome de seu filho e seu meio irmão James, foi escolhido como regente. Apenas quatro dias antes, ela tinha sofrido um aborto, gêmeos. Após implorar por ajuda de Elizabeth I e de seus contatos na França sem sucesso, e uma tentativa falha de escapar, Mary finalmente conseguiu fugir no dia 2 de maio de 1568. Enfurecida com a manipulação de seu irmão e com todo o abuso sofrido, ela estava determinada a recuperar sua coroa e puni-lo. Mary conseguiu reunir apoiadores e no dia 13 de maio, comandou um exército maior que o de James, mas mesmo em vantagem numérica, seu comandante tomou uma decisão precipitada e eles foram dizimados, vendo que não teria como vencer, a aconselharam a fugir para não ser capturada novamente. Ela fugiu e conseguiu atravessar a fronteira para a Inglaterra, disfarçada de pajem, ao invés de ir para França, onde tinha aliados, confiando que Elizabeth I entenderia sua posição como mulher e monarca e a ajudaria, esse foi o maior erro de Mary. O que levanta outro tema presente no século XXI, a rivalidade feminina, e como desde

essa época, é enraizado que não se deve aliar a outra mulher por não possuir as características que a colocam em destaque (um herdeiro homem e apoio católico), e é preciso ir de encontro para derrubá-la e garantir seu espaço de poder, que já é concorrido, limitado e muito ameaçado pelo machismo. Elizabeth I a prendeu com receio de se associar ao assassinato de Darnley e por medo de que a presença de Mary - que nunca abdicou de sua renúncia ao trono inglês - incitasse os católicos a iniciarem uma revolta que a deporiam. A má reputação de Mary já era o suficiente para mantê-la presa.

Nas palavras de Burnet; Gall; Scott (2013), William Cecil, o conselheiro-chefe de Elizabeth I, que há anos via Mary como uma grave ameaça, ficou extremamente satisfeito, e durante os anos que Mary passou presa na Inglaterra, ele dedicou sua carreira à sua queda. Ao todo, Mary ficou dezenove anos detida, no geral era tratada com respeito e foi permitida alguns de seus servos, visitantes e comunicação externa, mas era impedida de ir e vir e era espionada. Sua saúde piorava a cada ano e sempre era preciso tratamentos com médicos. Ela foi movida de residência inúmeras vezes, algumas bem desagradáveis, mas sempre longe de centros populares para evitar rebeliões em seu favor e tentativas de resgate, por receio que ela pudesse fugir e para assegurar que ela seguiria presa. Apesar de muitas solicitações de Mary, Elizabeth I nunca foi vê-la e as duas, portanto, nunca se viram pessoalmente.

O papa Pio V excomungou Elizabeth I e qualquer um leal a ela, isso para os católicos fazia de Mary, a rainha legítima e assim, houve vários episódios de conspirações com tentativas de resgatá-la, que envolviam o casamento de Mary com alguma figura católica poderosa e colocá-la no trono, restaurando o catolicismo no país. A Espanha era a principal envolvida, mas também a França e parte da Europa católica. Como nada provava o envolvimento de Mary, pouco poderia ser feito além das medidas de segurança. Temerosa, Elizabeth I nomeou Sir Francis Walsingham para rastrear qualquer tentativa de complô, ele como Cecil, estava determinado a fazer o que fosse necessário para livrar Elizabeth I dos riscos e, portanto, de Mary. Em outubro de 1584, Cecil e Walsingham criaram o Bond of Association¹⁶ como uma licença para aniquilar Mary, consistia em juramentos a Elizabeth I e a fé protestante e uma permissão para a execução de qualquer indivíduo que reclamasse o trono, atentasse contra sua vida ou a ameaçasse, essa proposta foi aprovada pelo Parlamento e virou o Ato de 1585 para a segurança da rainha no qual, por lei, uma comissão teria que acontecer para julgar Mary independente do que Elizabeth I pensasse ou quisesse. Em meados de 1586, James VI, filho de Mary que tinha sido criado na fé protestante e ensinado a desconfiar da mãe, assinou um acordo em que Elizabeth I o nomearia seu herdeiro e sucessor, e proveria uma pensão em troca da paz definitiva entre Escócia e Inglaterra. Mary ficou frustrada com a decisão do filho, além de nunca ter recebido ajuda dele (COVENTRY e MILLER, 2017). Ela começou a ser privada de coisas e ser tratada diferente, uma incitação à

¹⁶ Vínculo de Associação (Tradução nossa).

rebelião. Neste mesmo ano, um homem foi posto em contato com Mary, Anthony Babington que propôs libertá-la, matar Elizabeth I e coroá-la. Cartas em códigos foram trocadas através de barris de cerveja, vários espiões liam suas cartas, até um servo que se dizia católico que ganhou sua confiança, trabalhava para destruí-la, copiando as cartas antes de enviá-las para Walsingham que indiretamente a instigava ainda mais a aceitar a proposta de Babington, Mary não tinha nada a perder e estivera presa por tempo demais contra sua vontade. A trama de *Babington*, como ficou conhecida, forjada pelo governo inglês para se livrar de Mary de vez (TIMES, 2021), cobertos pelo Ato de 1585, foi o enlace perfeito. Em sua situação, ela era um alvo fácil e caiu na tentação de ter sua tão sonhada liberdade e na ideia de reencontrar seu filho, que não via desde os dez meses de idade. A carta de Mary aceitando a trama foi achada e decifrada pelos homens de Walsingham - com a ajuda das cifras encontradas em seus aposentos, após enganarem ela para que saísse - e adulterada a fim de implicá-la de forma irrefutável. Ela foi julgada no dia 15 de outubro por trinta e oito nobres ingleses, Mary executou sua própria defesa com maestria, mas, seu destino já havia sido decidido e manipulado, Cecil havia planejado cada detalhe por décadas, ela foi considerada culpada mesmo que ilegalmente uma vez que não era cidadã inglesa e, porque nenhuma rainha respondia a súditos estrangeiros. Elizabeth I relutou em assinar o mandato, mas o fez, a rivalidade de duas rainhas em uma única ilha, teria um fim, antes disso Cecil conseguiu o mandato com o Conselho passando por cima de Elizabeth I. Comprovando que ela também sofria interferências em seu governo, porém diferentemente de Mary e em uma proporção reduzida. Mary foi avisada em 7 de fevereiro de 1587 que ela morreria na manhã seguinte, ela ficou aliviada por finalmente se livrar daquela prisão, enviou suas últimas cartas a noite, dividiu seus pertences para seus criados e no dia 8 de fevereiro seguiu de cabeça erguida para a execução, ela morreria uma mulher de sua religião e por baixo do vestido preto, revelou um vermelho escarlata, o símbolo do martírio. Ela perdoou o carrasco, se recusou a ouvir as preces protestantes e fez sua última oração, seus tormentos terminaram, junto com suas lutas para reinar em seu direito e os abusos justificados pelo seu gênero. Suas últimas palavras foram "Em tuas mãos, Senhor, eu entrego meu espírito".

Renato Tapioca (2012) traz uma observação valiosa sobre Mary Tudor que também pode ser perfeitamente empregada para definir Mary Stuart:

"Parece-me muito mais correto dizer que fora a verdadeira filha das circunstâncias pelas quais ascendeu ao trono, e tentou mantê-lo. Suas atitudes são perfeitamente explicáveis ao analisar sua trajetória: a vida de uma mulher que sofreu, amou e lutou pelo que achava certo, pagando caro por buscar a felicidade em uma sociedade que não via olhos benevolentes ao governo feminino, do qual Maria era um expoente".

1.2 Liderança internacional

Com a apresentação da trajetória de Mary Stuart, foi possível fazer uma investigação sobre o Protagonismo feminino no século XVI e as lutas para exercer seu direito de governar. E o questionamento a ser respondido neste artigo é se após cinco séculos houve mudanças no papel de liderança feminina internacional. Utilizando como base as teorias feministas de Relações Internacionais. Tickner (2001, p. 11) em seu livro *Gendering World Politics*, explica que "A principal preocupação da teoria feminista é explicar a subordinação das mulheres, ou a assimetria injustificada entre as posições sociais e econômicas de mulheres e homens, e buscar prescrições para acabar com ela"¹⁷. Ao esclarecer esse ponto, é possível iniciar uma análise comparativa.

De certo que, devido a mudança drástica no estilo de vida e quase quinhentos anos de diferença, era de se esperar que finalmente a desigualdade e o pensamento retrógrado sobre a capacidade feminina de liderar e seu lugar na política internacional fossem extintos mas, "A sub-representação das mulheres em cargos políticos e cargos de liderança está ligada a padrões diferenciados de gênero ainda difundidos no mundo de hoje" (RUNYAN E PETERSON, 2014, p. 111, tradução nossa), o que presenciamos atualmente é uma porcentagem mínima do que poderia ser atingido.

Alguns pontos importantes para esse estudo: Apesar da exigência da castidade não existir mais, os julgamentos sobre a vida privada da mulher ainda são expostos abertamente e usados para descreditar; A líder política não tem mais a obrigação de gerar herdeiros por conta da democracia; O comportamento ainda é muito voltado para os padrões de estereótipos femininos, por exemplo, a ex-presidente Dilma Rousseff é considerada homossexual por sua personalidade, aparência física e comportamento, isso é utilizado contra ela desde a campanha presidencial, e está enraizada na associação da masculinidade como competência, que ela somente chegou ao cargo mais alto do país por se portar como um homem, para Monte (2013, p. 71): "É comum que mulheres em posições de poder adotem uma atitude masculinizada para se adaptar melhor às demandas do contexto da alta política, o que apenas reforça a ideia de que gênero não é apenas um atributo pessoal, mas também de instituições". Dilma foi a primeira mulher a governar o Brasil e a proporção que seu impeachment teve e as ilustrações pejorativas e desrespeitosas que foram espalhadas pelo país, são consequência do seu gênero. Outro exemplo de líder política que se encaixa nessas características "masculinizadas" é Angela Merkel, criticada por não ter filhos e, por sua aparência física, vestimenta e postura, - o que está diretamente ligado a conseguir ser ouvida, respeitada e levada a sério, nisso não só as líderes políticas sofrem, mas qualquer mulher que ocupe um papel de chefia, seja em uma empresa ou qualquer outro ambiente se estiverem

¹⁷ The key concern for feminist theory is to explain women's subordination, or the unjustified asymmetry between women's and men's social and economic positions, and to seek prescriptions for ending it (Tradução nossa).

"femininas" demais não são consideradas, o mesmo vale para seu tom de voz e imposição - contudo, de acordo com matéria do Infomoney, ela foi eleita para quatro mandatos consecutivos e a mulher mais poderosa do mundo por dez vezes seguidas pela revista Forbes. Associando diretamente com Mary no século XVI, é possível perceber que não houve avanços nesse ponto, a diferença é que o repúdio de Knox era tanto por seus comportamentos "impróprios para uma mulher direita" como dançar e principalmente por usar calça - na época somente os homens faziam uso - praticar esportes "masculinos" e comandar exércitos em batalhas;

A ideia de que tudo bem ser governado por uma mulher se um homem estiver por trás tomando as decisões e gerindo o país. Ainda no exemplo de Dilma, o discurso de que quem governaria era o também ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva motivava os próprios eleitores a votarem nela, porque ele estaria indiretamente na liderança, este pensamento é atestado por Tickner (1992, p. 2) quando diz que: "Força, poder, autonomia, independência e racionalidade são características tipicamente associadas ao homem e à masculinidade e que são valiosas para nós, a quem confiamos nossa política externa e defesa do interesse nacional"¹⁸. E a consideração deste fator para escolha popular é exposto por Enloe (2020, p. 3): "Muitos eleitores pareciam equiparar uma forma de masculinidade a um garantidor do tipo de segurança nacional que simultaneamente protegia sua própria segurança pessoal". Já com Mary, os Lordes estavam dispostos a fazer o que fosse preciso para não deixar o poder se concentrar plenamente nas mãos de uma mulher, contanto que ela estivesse disposta a seguir os conselhos de um homem apontado por eles, ficariam felizes em servi-la como soberana, reconheciam o título de rainha, mas não a deixavam exercer plenamente seus direitos, inclusive, os embaixadores elogiavam Mary por sua virtude benevolente para ser governada por bons conselhos.

Para complementar a análise dos séculos XVI e XXI, é necessário clarificar que "Outros obstáculos à participação política das mulheres são as barreiras legais diretas e indiretas. Foi apenas no século passado que a maioria das mulheres garantiu o direito de votar e ocupar cargos políticos, que são pré-requisitos para buscar o poder formal" (RUNYAN e PETERSON, 2014, p. 116, tradução nossa), tendo este fator em mente, os exemplos de mulheres em cargos de liderança internacional são poucos, e é necessário observar as datas das eleições e posses, Na Argentina, Isabelita Perón sucedeu o marido na presidência após sua morte em 1974, e uma mulher foi eleita por voto direto apenas em 2007, Cristina Kirchner; Lidia Gueiler Tejada na Bolívia, assumiu em 1979 e governou por menos de um ano como presidente constitucional interina, apontada pelo congresso, somente em 2019 que Jeanine Áñez foi presidente por quase um ano mas também não foi eleita popularmente. A Inglaterra, foi o

¹⁸ Strength, power, autonomy, independence, and rationality, all typically associated with men and masculinity, are characteristics we most value in those to whom we entrust the conduct of our foreign policy and the defense of our national interest (Tradução nossa).

primeiro país na Europa a ter no cargo de liderança política uma mulher, Margaret Thatcher conhecida como Dama de Ferro foi eleita em 1979 e governou por 11 anos, somente em 2016 que outra mulher ocupou o cargo, Theresa May que renunciou em 2019; Os Estados Unidos da América nunca elegeu uma mulher presidente, desde 2021 Kamala Harris ocupa o cargo de vice-presidente sendo a primeira mulher a fazê-lo no país. Apenas com estes quatro exemplos de países, pode-se concluir que mesmo com todas as conquistas imprescindíveis das mulheres após muita luta, não tem cinquenta anos que mulheres são chefes de Estado na conjuntura atual da nossa sociedade, ainda falta um longo caminho para ser trilhado e nesse quesito, não avançamos tanto assim. Como sugere o secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, “o desequilíbrio de poder entre homens e mulheres continua sendo a mais teimosa e persistente de todas as desigualdades”.

“O surgimento da Teoria Feminista das Relações Internacionais constitui uma mudança na antiga ordem social para uma nova perspectiva, a qual se baseia na reflexão de como as estruturas e narrativas identitárias impactam nas vidas das mulheres na sociedade” (OLIVEIRA, 2022). Como mencionado, demorou-se muito tempo para que as questões de gênero fossem investigadas como parte da disciplina, “Nas Relações Internacionais, porém, foi só no final da década de 1980 que os primeiros trabalhos feministas apareceram (PAIVA, 2014 apud ELSHTAIN, 1987; COHN, 1987; ENLOE, 1989)”, neste período, mulheres já começavam a ocupar as posições de liderança, como em Malta, Nicarágua e Noruega e mesmo assim, a disciplina fundamental para análise internacional, tardou em acompanhar tal avanço. Por ainda ser relativamente recente, há muito espaço para discussão e aprofundamento do tema. Outro tópico significativo é abordado por Mendonça (2015, p. 23): “Uma teoria puramente masculina em relação a qualquer questão será completamente distinta de uma teoria construída por ambos os sexos. Tudo isso afeta diretamente as tomadas de decisão em RI”.

Runyan e Peterson (2014, p. 104) ainda dizem que “O fato de as mulheres terem liderado Estados na maioria dos continentes ao longo do tempo sugere, no entanto, que as mulheres podem alcançar esse poder em uma variedade de sistemas políticos e culturas”¹⁹. E certamente, todas as líderes políticas internacionais entram para a história e são sempre associadas com o progresso feminino na política, inspirações para as futuras gerações que cada vez mais, ocuparão os cargos de líderes políticas internacionais, trabalhando para alcançar a igualdade. Guterres declara que “Hoje, a liderança feminina é uma causa. Amanhã, deve ser a norma”, a aspiração é que nas próximas décadas, a distância das perspectivas do século XVI cresça progressivamente. As próprias mulheres tomam a frente e adotam medidas para esta mudança positiva de

¹⁹ The fact that women have led states on most continents over time suggests, however, that women can achieve such power across a range of political systems and cultures (Tradução nossa).

cenário, a afirmativa de Runyan e Peterson (2014, p. 108) pavimentam a esperança de melhoria para as futuras gerações:

"Como o número de mulheres ainda permanece comparativamente pequeno nos círculos diplomáticos e de política externa, as mulheres organizaram grupos de lobby e políticas (como os Associates of the American Foreign Service Worldwide and Women in International Security [WIIS]) que expõem e influenciam dinâmicas de gênero em ministérios, departamentos e comitês que lidam com relações exteriores" (Tradução nossa).

Conforme a realidade do século XXI, é imperativo que o conhecimento da desigualdade de gênero seja difundido academicamente não somente na área de Relações Internacionais, mas que principalmente nesta, seja obrigatória, a realidade multidisciplinar das teorias feministas é mais que relevante e já se provou indispensável para que a formação seja completa. Tickner (1992, p. 4) agrega nesta reflexão quando diz: "Quando muitas dessas diferenças entre homens e mulheres não forem mais aceitas como naturais ou imutáveis, poderemos examinar como as relações de desigualdade entre os gêneros são construídas e mantidas tanto na vida pública quanto na privada"²⁰.

2 CONCLUSÃO

| 96

Este artigo buscou resumir os fatos mais importantes e marcantes do governo de Mary Stuart, apontando as principais interferências masculinas em sua soberania e a realidade contra mulheres em sua época. Mary teve uma vida turbulenta e passou por muita coisa, certamente, se fosse um rei tudo seria diferente, não somente sua história, mas, o futuro e a monarquia como conhecemos atualmente, contudo, seu legado foi deixado no mundo e ela inspira até hoje trabalhos investigativos como este. Intrigante e misteriosa, sua história tem muitas versões e ela foi de fato muito criticada por seus instintos femininos que levaram a decisões baseadas na emoção e no senso confiança nas pessoas erradas que lhe trouxeram a destruição, mas, para criticar de fato é preciso entender as manipulações abordadas que traçaram seu destino. Quão preparada foi Mary para de fato governar? A negligência educacional em relação à política, diplomacia e assuntos relevantes para exercer o cargo não lhe foram atribuídas simplesmente porque ela era uma mulher e seu dever seria outro, conceber herdeiros e se submeter a um marido, mesmo sendo rainha de fato desde bebê, seu preparo foi totalmente diferente dos príncipes herdeiros como foi exposto no capítulo um. Este elemento de desigualdade educacional não ficou no século XVI, o tabu existente em diversas áreas acadêmicas como engenharia

²⁰ When many of these differences between women and men are no longer assumed to be natural or fixed, we can examine how relations of gender inequality are constructed and sustained in various arenas of public and private life (Tradução nossa).

e a própria diplomacia, distancia o acesso e a vontade das mulheres de ingressarem em um meio onde são discriminadas, terão oportunidades reduzidas e suas capacidades intelectuais questionadas, ademais, as mulheres ainda são associadas a família, maternidade e mesmo ao exercerem seus papéis de liderança, são cobradas por eles, como o exemplo apresentado de Merkel que mesmo com todo o sucesso de seu governo, é associada pela falta de filhos, enquanto os homens não têm essa responsabilidade.

Pelo fato de ter governado sem preparo apropriado, Mary teve que se arriscar às cegas ao assumir o papel de soberana, tendo que confiar em homens que claramente não estavam satisfeitos por sua legitimidade e não aceitavam o fato de uma mulher governá-los. Como mencionado ao longo do texto, ao mesmo tempo que seus cônjuges tentavam tirar seu poder, e Knox envenenava a população contra ela, Mary enfrentou uma guerra religiosa, nenhum de seus antecessores homens tiveram que lidar com algo dessa magnitude, uma disputa inédita e, apesar disso, ela enfrentou diplomaticamente as rivalidades. Voltando ao ponto que mais a censuram, a própria doutrina doméstica e feminina propositalmente implantada nela desde o nascimento foi sua bússola para em momentos acatar, mesmo que contra a sua vontade, a imposição masculina sobre sua vida.

Mary estava à frente de seu tempo, conseqüentemente foi derrubada pelos homens sem escrúpulos ao seu redor que achavam que governantes femininas eram aberrações anormais, no jogo de poder ela foi utilizada como peão e resistiu da maneira que pôde. Governar no século XVI sendo mulher foi um desafio, especialmente pelas afrontas de homens como Knox, Mary poderia ter se sujeitado a ser a figura de poder sem possuí-lo de fato e se manter no trono às sombras dos homens pelos anos que foi prisioneira ou até mais tempo, poderia ter sido apagada em um casamento com Dudley ou qualquer outro, ou mesmo nunca se casado como Elizabeth I, mas, ela escolheu o caminho que julgava certo, lhe era de direito e a destacava, exerceu sua autonomia e desafiou os princípios da época, o intuito do artigo não foi mostrá-la como inocente e ingênua mas sim, expor que mesmo com todo enfrentamento ela manteve sua essência, lutou pelo que acreditava e pagou com sua liberdade, afastamento do filho e sua vida mas permaneceu fiel a sua causa e propósito, ela acreditava em sua soberania e na forma de mantê-la, até a sua execução ela se provou uma mulher admirável que entrou para história.

Conclui-se, portanto, com tudo apresentando neste trabalho que as Relações Internacionais ainda precisam dar mais destaque às questões de gênero e acompanhar continuamente os avanços das mulheres na política internacional. E, ao comparar o protagonismo feminino na liderança internacional do século XVI com o século XXI, os avanços que se configuraram não foram tão expressivos e que ainda há uma longa jornada adiante para que o século XVI seja apenas história.

REFERÊNCIAS

ANGELA Merkel: a trajetória e o legado da mulher mais poderosa do mundo. **InfoMoney**, 2021. Disponível em: <<https://www.infomoney.com.br/perfil/angela-merkel/>>. Acesso em: 06 jun. 2022.

BRYSON, Alan; CLARKE, Andrea; DORAN, Susan. et al. **Elizabeth and Mary: Royal Cousins, Rival Queens**. Londres: The British Library, 2021.

BURNET, Andrew; GALL, Sally; SCOTT, Dr Nicki. et al. **Mary Was Here: Where Mary Queen of Scots went and what she did there**. Edimburgo: Historic Scotland, 2013.

COVENTRY, Martin; MILLER, Joyce. **A Wee Guide to Mary, Queen of Scots**. Edimburgo: Goblinshead, 2017.

ENLOE, Cynthia. **Uma entrevista com Cynthia Enloe: conjuntura internacional e futuro da pesquisa feminista por Giovanna Lucio Monteiro e Giovana Esther Zucatto**. Observatório Feminista de Relações Internacionais, 2020. Disponível em: <<https://ofri.com.br/uma-entrevista-com-cynthia-enloe/>>. Acesso em: 31 mai. 2022.

GUTERRES, de O. M. António. **Liderança feminina deve ser norma, insiste chefe da ONU**. Nações Unidas Brasil, 2021. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/152756-lideranca-feminina-deve-ser-norma-insiste-chefe-da-onu> . Acesso em: 30 mai. 2022.

HENDERSON, T.F. **Mary Queen of Scots: Her Environment and Tragedy**. v.1. Londres: Hutchinson & Co. Paternoster Row, 1905.

IVES, W. Eric. **The life and death of Anne Boleyn: 'The Most Happy'**. Malden, Oxford, e Carlton: Blackwell Publishing, 2004.

MACKAY, James. **In My End Is My Beginning: A life of Mary Queen of Scots**. Grã-Bretanha: Mainstream Publishing Company, 1999.

MENDONÇA, M. Z. F. de. **Teoria Feminista e Dominação Masculina: Aspectos De Continuidade e Seus Efeitos Para As Relações Internacionais**. NEARI EM REVISTA, [S. I.], v. 1, n. 2, 2016. Disponível em: <https://revistas.faculdadedamas.edu.br/index.php/neari/article/view/355>. Acesso em: 31 de mai. 2022.

MILLS, W. Charles. **A elite do poder**. 4.ed. Nova Iorque: Oxford University Press, Inc, 1981.

MONTE, do X. Isadora. **O debate e os debates: abordagens feministas para as relações internacionais**. IN. Estudos Feministas, Florianópolis, 21, 2013. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/24328035?read-now=1&seq=1#metadata_info_tab_contents. Acesso em: 30 de mai. 2022.

MULHERES, Rainhas, Bruxas - um estudo sobre política, reputação e poder na história. Tudor Brasil, 2016. Disponível em: <<https://tudorbrasil.com/2016/10/24/mulheres-rainhas-bruxas-um-estudo-sobre-poder-misoginia-e-politica-na-historia/>>. Acesso em: 07 jun. 2022.

OLIVEIRA, de S. KEITY. **Grandes Autoras de Relações Internacionais: Mulheres que Moldaram a Teoria de R.I.** Internacional da Amazônia, 2022. Disponível em: <<https://internacionaldaamazonia.com/2022/03/04/grandes-autoras-de-relacoes-internacionais-mulheres-que-moldaram-as-teorias-de-r-i%E9%BF%BC/>>. Acesso em: 31 mai. 2022.

PAIVA, C. Isadora. **A Escola Feminista nas Relações Internacionais: Bases Teórico-Metodológicas.** 2014. Monografia (Bacharelado em Relações Internacionais). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

PETERSON, V. Spike; RUNYAN, S. Anne. **Global Gender Issues in the New Millennium.** 4.ed. Estados Unidos da América: Westview Press, 2014.

TAPIOCA, N. D. Renato. **Mary I, sanguinária ou fruto das circunstâncias?** Boullan, 2014. Disponível em: <<https://boullan.wordpress.com/2012/02/22/mary-i-sanguinaria-ou-fruto-das-circunstancias/>>. Acesso em: 22 mar. 2022.

TICKNER, J. ANN. **Gender in International Relations: Feminist Perspectives on Achieving Global Security.** Nova Iorque: Columbia University Press, 1992.

TICKNER, J. ANN. **Gendering World Politics: Issues and Approaches in the Post-Cold War Era.** Nova Iorque: Columbia University Press, 2001.

TIMES, Tudor. **Mary, Queen of Scots Book of Days.** Grã-Bretanha: Graffeg Limited, 2021.

TWEEDIE, David. **David Rizzio and Mary Queen of Scots: Murder at Holyrood.** Gloucestershire: Sutton Publishing Limited, 2006.

WEIR, Alison. **Mary Queen of Scots And The Murder Of Lord Darnley.** Grã-Bretanha: Vintage, 2008.